A TRAIÇÃO

GOMES LEAL

A TRAIÇÃO

CARTA A EL-REI D. LUIZ

SOBRE A VENDA

DE

LOURENÇO MARQUES

QUINTA EDIÇÃO

Correcta e augmentada com a critica da imprensa ás edições anteriores e a resposta do auctor á mesma critica, e seguida d'uma poesia enedita do Ex.mo Sr.

GUILHERME MONIZ BARRETO

Á VENDA NA LIVRARIA

DE

VIUVA CAMPOS JUNIOR

76—Rua Augusta—80

LISBOA

OPINIÕES DA IMPRENSA

Gomes Leal publicou um folheto em verso, intitulado *A Traição*, de que foi editora a acreditada livraria da Viuva Campos. O trabalho d'este distincto poeta é por vezes notavel, tem versos de incontestavel merecimento, de uma força extraordinaria de inspiração, que bem compensa os senões em que de espaço a espaço se tropeça, a irregularidade, o desequilibrio que facilmente se conhece em todos os cantos.

Apreciamos a obra do sr. Gomes Leal, simplesmente como obra litteraria, pondo de parte uma outra pretensão que ella tem e que devéras a prejudica. Entre todos devemos especialisar o segundo canto, em que o poeta revela a sua inspiração delicada, varrendo d'ella todos os inqualificaveis absurdos que espalha, sem dó, em muitas das outras paginas. Tem versos esplendidos.

Diario de Portugal.

A Traição, carta a el-rei D. Luiz, sobre a venda de Lourenço Marques, por Gomes Leal

Foi-nos offerecido um folheto com este titulo. Trinta e duas paginas e boa composição. É edição da livraria Campos. Pouca gente haverá em Lisboa que não conheça já este folheto, saido ha meia duzia de dias. A sua apparição foi um successo, que teve igual na sua desapparição, pois a edição esgotou-se. Este facto ultimo, raro em Portugal, tem uma explicação condigna. Não ha hoje ninguem (modo de dizer) que não adore o escandalo, como não ha ninguem (afóra os srs. progressistas) que não desadore o escandalo—Lourenço Marques. O nome de Gomes Leal era além d'isso uma garantia da excellencia do folheto. Com taes requisitos não é portanto de extranhar que o editor esgotasse uns poucos

de mil exemplares e nas primeiras horas da publicação do folheto a palavra de ordem no Chiado, no Martinho, no Gremio, nas livrarias, fosse —*traição, traição*—um perfeito enigma para os que não andam ao corrente dos acontecimentos politicos e litterarios da nossa terra.

Para os leitores que não conhecem o folheto diremos duas palavras d'apreciação.

A Traição deve ser julgada sob dois pontos de vista—o politico e o litterario; o seu auctor considerado como revolucionario e como artista.

Como politica é a obra de propagando mais vehemente que tem apparecido entre nós, segundo nos consta, e pelo menos á nossa vista. Não deve faltar no entanto quem ache inefficaz esse meio d'acção sem duvidar nem um apice das convicções sinceras de Gomes Leal. Ao lado d'aquelles, se existem verdadeiramente, tem o desassombro de se considerar filiado o humilde auctor d'estas linhas sem que peze á veneração que tem pelo grande talento do poeta da *Canalha* e pela unidade de convicções e amistosa sympathia que nos liga.

Não é porém occasião de desenvolvermos a nossa opinião.

Como obra litteraria é realmente soberba. Ha uma cornucopia de imagens admiraveis; o verso é d'um vigor espantoso, como em Portugal nenhum poeta, nem mesmo Guerra Junqueiro, seria capaz de trabalhar. Os pensamentos elevados, engastados em versos de bronze succedem-se com uma profusão notavel. Em resumo uma obra de cunho.

Se Gomes Leal fosse um desconhecido das letras *A traição* elevava-o a um dos primeiros logares da republica-litteraria. Assim elle serve para confirmar o que ainda ninguem contestou—que Gomes Leal é um dos primeiros poetas portuguezes e é alem d'isso um modelo.

É de que servirá *A traição*.

Quando a *occasião* desapparecer, quando se olhar para o artista primeiro de que para o luctador, a critica, que anda agora assoldadada ás conveniencias da politica, ha de fazer justiça com as nossas palavras ao importante trabalho de Gomes Leal.

Agradecemos o folheto.

CAETANO PINTO.

Nunca até hoje poeta algum vibrou na lyra portugueza notas mais vivas e mais sonoras de sentida indignação. Gomes Leal cuja individualidade litteraria tem um não sei que de poderoso e extraordinario, ergue n'este livro o mais solemne e violento protesto contra o «ultimo Bragança» e contra o «caso» de Lorenço Marques. O poeta enche-se de energia e faz da pena um azorrague que maneja com rara habilidade e comprovada valentia; cada verso é um punhal e a real victima causa

dó, toda ensanguentada, exposta á ironia, ao chicote, ao açoite á gargalhada, ao ponta-pé, entre as esbrazeadas metaphoras, as rubras antitheses e as crueis citações historicas. A apologia do odio resente-se dos «Mes haines» de Zola e o sentimento da Vingança tem o impeto heroico e quasi barbaro dos «Chatiments» do velho Hugo.

O capitulo 2.º é completamente bello; ainda até hoje nada tinhamos visto em portuguez que se podesse comparar com aquelles alexandrinos robustos, sadios, que irrompem triumphalmente, n'um combate tenebroso onde ha soluços, desesperos, indignações, o tinir das espadas, e o ruido aspero do povo armado, construindo as barricadas d'onde vae ser proclamada a Liberdade e d'onde vae soar a voz terrivel do direito humano. O distincto poeta falla respeitosamente no amor da «branca italiana», referindo-se á rainha em termos bem differentes dos que a propria monarchia tem por vezes empregado para com a sr.ª D. Maria Pia como se póde ver na questão da venda (?) das joias, etc., etc. No ultimo capitulo, Gomes Leal faz um esplendido quadro de todos os crimes da casa de Bragança e põe todos os antepassados do sr. D. Luiz no banco dos réus. Admiravel! Como obra de combate é a mais vigorosa que tem apparecido entre nós, porém como obra litteraria é um pouco inferior e temos visto do nosso collega Gomes Leal outras composições mais aprimoradas, como é, sem duvida, a «Morte do Athleta.» Mas duas ou tres incorrecções não põem qualquer nodoa no esplendor d'esse magnifico pamphleto, profundamente revolucionario, vivo, sentido e enthusiastico. O poeta espera, de chicote em punho, as criticas de varios safardanas sem senso moral, sem opiniões e sem grammatica: uns cretinos que trabalham ás ordens do primeiro mariola endinheirado que apparece. Mas consola sobremaneira as invectivas dos microcephalos da critica, para quem, como o sr. Gomes Leal sabe elevar dignamente o espirito na rocha inexpugnavel do talento serio e das idéas grandiosas.

Porto—1881.

XAVIER DE CARVALHO.

O Messène frèmis: Sparte n'est point domptée;
Il lui reste ma lyre! Elle enflamme les cœurs,
Tu le disais; ta lyre, o sublime Tirtée!
Enfanta des vainqueurs.

LÉ BRUN.

Entre os poetas mais festejados e ardentes da nossa geração moderna, destaca-se, alteia-se o vulto sympathico e luminoso de—Gomes Leal,—o inspirado auctor das *Claridades do Sul,* da *Fome de Camões*. e outras diversas composições, não somenos bemquistas e admiradas na republica das letras.

Gomes Leal é um dos nobres paladinos, que pertencem á grande phalange dos luctadores do futuro, á forte legião dos poetas, que se inspiram n'essa corrente de idéas geniaes, que brotam d'um ideal radiante e fecundo, e que se chama a perfectibilidade humana. Os seus versos, fulgurantes e bellos, onde palpita sempre o sagrado amor da patria e rebentam em cachões os sentimentos democraticos, não agradam só aos ouvidos, interessam á nossa alma, fallam ao coração d'um modo indizivel.

Gomes Leal tem uma grande qualidade, que deve ser muito invejavel para um poeta—é o sentir profundamente. Todos os sentimentos que pinta os sente e experimenta elle proprio. Atravez dos seus versos sente-se latejar a sua alma apaixonada e grande.

O seu estylo é agradavel, nervoso, pathetico, segundo o pedem as circumstancias, movendo como lhe parece o animo, o entendimento e o coração. O seu estylo, ora tem a suavidade apaixonada de Recine, ora o terrivel faiscante de Crébillon. Gomes Leal como poeta é um mixto de sombra e luz, isto é de tristezas e de esperanças. Na arte é idealista e realista ao mesmo tempo.

É idealista, porque por vezes canta o maravilhoso e extraordinario: é realista, porque glorifica as virtudes domesticas, os trabalhos das officinas, o viver da criança, a vida pratica, emfim. Gomes Leal abraça a arte social, evangelisadora, humanitaria, mirando ao fim da perfeição nas sociedades.

A sua inspiração, aguia sublime, ora entrevê os céos ora os abysmos, a sua lyra, um mar de harmonias, cujas vagas são canticos esplendidos, e sempre a voz do grande e do sublime!

Ou se inspire na mysteriosa mudez dos claustros, ou na tristeza scismadora das solidões, ou na vaga taciturnidade dos castellos em ruinas, ou no pavoroso silencio das lousas sepulchraes, ou no embate asperrimo das vagas alterosas, ou na esphera de luz da actividade humana, é sempre o poeta philosophico, o poeta temperado pela sciencia. Diante dos seus versos os corações sentem e os cerebros pensam.

Semita na solemnidade, francez na satyra, obscuro e sonhador como um germano, claro e harmonioso como um grego—eis os dons, que caracterisam e tornam Gomes Leal um talento privilegiado, um verdadeiro poeta genial.

O notavel poeta acaba agora de nos dar mais uma prova exuberante do seu extraordinario talento, e um exemplo brilhantissimo do que é e do que vale a poesia moderna, publicando um preciosissimo folheto de combate, intitulado: **A TRAIÇÃO.** *Carta a el-rei D. Luiz sobre a venda de Lourenço Marques.*

O valor artistico e litterario d'este pamphleto de Gomes Leal póde de ante-mão avaliar-se pelo grande esplendor que circunda o seu nome; mas quem o lêr do principio ao fim, quem examinar verso por verso, pensamento por pensamento, ha de forçosamente conhecer que o poeta,

n'esta sua nova producção, tem alguma coisa de espantoso e de surprehendente, de que, pelo menos nós, que escrevemos estas linhas, não tinhamos ainda a perfeita noção.

A Traição, é um pamphleto politico, essencialmente de combate, contendo seiscentos versos alexandrinos, modelados ao som das paixões demolidoras do seculo, e caracterisados pela pujança herculea das grandes convicções e dos grandes principios. Este novo trabalho de Gomes Leal faz-nos lembrar a possante energia das philippicas de Demosthenes, a zombaria socratica de *Napoléon le petit,* de Victor Hugo, os fulminantes anathemas de Juvenal, as profundas lamentações dos *Peregrinos,* de Mickiewcz, as solemnes prophecias das *Palavras d'um Crente,* de Lamennais, as sombrias e tristes elegias do sublime Volney, contemplando as ruinas de Palmyra.

Para que o publico possa formar uma idéa do merito singular que encerra a nova producção de Gomes Leal, vamos citar algumas das suas passagens mais felizes.

Gomes Leal depois de lançar um profundo olhar investigador para o estado actual do nosso paiz; depois de vêr que temos perdido uma a uma todas as joias da prosperidade nacional; depois de vêr por terra os trophéus conquistados em Alcacer, Arzila e Ceuta; depois de vêr que temos supportado uma serie de reis perversos e despoticos e um sem numero de governos immoraes, estupidos e violentos; depois de vêr que estamos reduzidos a um vão simulacro de liberdade; depois de vêr que estamos reduzidos á triste condição de tutelados ou pelas facções que tripudiam no interior ou pelas potencias ávidas que nos escravisarem;. depois de vêr emfim a corrupção que lavra e germina n'esta sociedade paradoxal e intrigante, exclama, cheio de santa indignação:

«Ó infamia! ó infamia! ó seculo maldito,
«em que se vende tudo, a Mãe, a Patria, o Amor,
«ó veneno subtil, sordido e corruptor,
«que Satanaz cuspiu no poço do Infinito!»

Depois, dirigindo-se directamente ao rei, e vendo-o conclavado com a perfida Albion, para lhe vender no leilão ignominioso das tratadas o territorio de Lourenço Marques, sente a indignação trasbordar-lhe do peito e solta esta admiravel ameaça:

«Vender-nos-has, ó rei!—Mas ficarás um muro,
«no qual escreverá o dedo do Futuro,
«o dedo vingador, barbaro, antigo, austero,
«que marcou Cain e ensanguentou a Nero,
«que escreveu sobre a testa ao velho Tamerlão
«esta legenda atroz—*assassino e ladrão*—

«esse dedo cruel, que poz a Alexandre VI
«o distico feroz onde se lê *incesto*,
«que marcou Carlos IX, o algoz dos huguenotes,
«e que em ti marcará—*Judas Iscariotes*,»

E vibra em seguida esta soberba imprecação:

«Ah! póde haver um rei tão picaro e pandilha
«que venda o seu paiz, e Mãe que venda a filha!...
«Pode acaso haver entes tão latrinarios
«que atirem para as mãos de um ou de mais sicarios
«uns seios virginaes e a honra d'um paiz!...

E, cheio do santo enthusiasmo de amor da patria, e de sublime amor da virtude considera tão tremendos estes crimes, que diz:

«Eu por mim homem duro, eu não sei perdoar.
«Se o ferro me ferir, a ferro hei de matar.
«Homens do nosso tempo, herdeiros d'uma herança
«fatal, é nossa Deusa a furia da Vingança.
«Temos o barbaro Odio, energico, cruel,
«que ao mesmo tempo é doce, e ao mesmo tempo é fel;
«odio eterno, feroz que mais e mais se atiça,
«mas que é tambem amor e que é tambem Justiça.

. . . .

É o odio emfim a ti, ó rei, cuja corajem
«sómente egualará talvez a cobardia,
«se fizer's a baixeza, a insania, a villania,
«de arrojar á hyena, á ladra, a John Bull,
«nossos rudes irmãos da Africa do Sul.

Manifestando o seu horror por esse acto tão velho e repugnante, de que Judas deu o primeiro exemplo—a traição— exclama o poeta:

«Ah! nada existe mais sinistro que a traição.
«Vêde Bazaine, o biltre, e o infame Napoleão,
«errando pelo mundo ambos acorrentados,
«ao despreso geral, e ambos excommungados
«do mundo, como atheus da excommunhão papal!

Depois, passando da exclamação ao sarcasmo, diz:

«Quem dá mais! Quem dá mais! é o grito do leilão.
«Vamos, mandem chamar já o tabellião

«que as escripturas lavre, em clausulas idoneas,
«e em que vendemos tudo, e acabem-se as colonias!
«Vendamos d'uma vez todas as possessões!

Aqui a sua ira accende-se, e desentranha-se n'estes terriveis desdens:

«É assim que clamaes, ó lugubres ladrões,
«ó lyrios das galés, sicarios, salteadores,
«que deshonraes a Mãe d'esses navegadores
que foram descobrir isto que expões á venda!

Depois, inflamado no santo amor da patria, exclama cheio de desalento:

«Ó Mãe Patria! Ó Mãe Patria! acaso é tão mesquinho
«o homem, ou subiu tão alto nas espheras,
«que despreza o paiz florido do seu ninho,
«e o sólo virginal das suas primaveras?

O pequeno espaço de que nos é licito dispôr, não nos permitte citar mais estrophes do inspirado poeta, cujo cerebro é uma machina maravilhosa de conceber bellesas sem fim. Não podemos porém deixar de citar ainda o nobre e ardente appello que elle faz aos propugnadores do futuro, eil-o:

«Cavalleiros do Bem que vindes das florestas
«da Idéa e juraes guerra á Podridão e ao Crime!
«Correi sobre este charco a toda a rédea solta,
«vós, justos campeões, puros como os arminhos,
«e agitae pelo ar a espada da Revolta!
«e afiae os punhaes nas pedras dos caminhos!

Por ultimo diremos que, se Cervantes, o grande escriptor hespanhol, e Robison, o discretissimo escriptor inglez deixaram dois typos; aquelle o de uma idade que concluia em principios do seculo XVII, e este o d'uma edade que começava em principios do seculo XVIII, porque não terá o seculo XIX a Illiada do Trabalho, a Illiada do bem, como outros seculos tiveram a Illiada da Guerra, cantando as victorias sobre as resistencias cegas da força, como outros seculos cantaram a victoria do homem sobre homem? Sim, essa Illiada ha de cantar-se, quando os povos amarem os seus redemptores e apostolos, e repellirem os seus tyrannos e algozes.

Então nas letras emanadas das nossas idéias brilhará antes o desassocego de Pithagoras ao interpretar as inscripções gravadas pelas estrellas dos espaços do que o anhelo de Achilles ao arrastar o corpo de Heitor

nos campos de Troia. Os guerreiros mais celebres do seculo XIII terão desapparecido da memoria universal, ao passo que a lyra cantará as evocações de Lulio ás forças occultas da razão humana. Como hoje se investiga as ruinas do *forum*, entre o Capitolio e o Coliseu, a terra onde caiu Cesar envolto em sangrente gloria, buscar-se-ha ámanhã o sitio onde guardou Copérnico aquelle admiravel telescopio, com o auxilio do qual observou o eclypse da lua que o conduziu a induzir o movimento do nosso planeta.

As luctas cavalleirescas de Carlos V e de Francisco I; as guerras religiosas entre Filippe II de Hespanha e Isabel I de Inglaterra; os combates entre as ordens teutonicas e os imperadores de Allemanha não interessarão tanto como os esforços de Paracelso por extrahir da alchymia a medecina e suas luctas com os avicennistas; como as investigações de Kepler mostrando a harmonia entre as mathematicas da nossa mente e as mathematicas das espheras, harmonias pelas quaes obedeciam os mundos ás suas concepções, como obedecem os instrumentos musicaes em suas cordas e em suas teclas ás notas de pentagrema; o espirito de Galileu ao ver como a magestosa lampada collocada no cruzeiro de Pisa ensina as leis do pendulo; as perigrinações de Vesalla em busca de cadaveres, meio roidos pelos corvos para estudar o esqueleto e estudar a anatomia; a lamentação em pedra esculpida sobre o sepulchro de Florencio pela mão titanica de Miguel Angelo, quando ao ver mortas a republica e a liberdade se convenceu que os colossos de marmore esculpidos no sepulchro de Julio II e os titans pintados nas abobadas da capella Sixtina não eram de carne e osso, mas sombras de um pensamento, no qual se condensavam as sombras caídas da conquista do despotismo e da guerra, que traziam com a morte de toda a liberdade, a morte de toda a inspiração e com a morte de toda a inspiração a eterna noite sobre a infeliz Italia.

Nós crêmos que assim como hoje ha uma sciencia moderna da natureza, maior que a antiga sciencia, haverá tambem uma poesia, maior que a antiga poesia. E, como temos um conceito de trabalho superior ao antigo conceito, teremos uma lenda ou antes uma epopea dos trabalhadores, superior ás antigas epopeias das conquistas e da guerra. A idéa do Estado engrandeceu-se no espirito moderno; e engrandecendo-se a idéa do Estado, ha de engrandecer-se a poesia politica, ou poesia da liberdade.

Essa manhã meiga e scintillante, essa alvorada de triumphos e esplendores ha de chegar; temos essa esperança. E, poetas, como Gomes Leal, são já o santelmo precursor d'essa bonança social de paz e de amor.

Concluindo, enviamos d'aqui, como admiradores e como correligionarios, um affectuoso e leal aperto de mão ao inspirado poeta, felicitando-o pelo seu novo trabalho que é mais um florão para enganalar a corôa das suas glorias litterarias.

RAPHAEL DO VALLE.

A GOMES LEAL

Gomes Leal, você é injusto comnosco ! Imagina que o tratámos ironicamente, comparando-o com Blanqui «o eterno rebellado, que passou a sua vida nos carceres». E, para nos dizer isso, até desmancha em prosa dois alexandrinos da *Traição:*

«Blanqui, esse feroz e grande rebellado
«toda a vida a rugir, preso como um forçado.»

Não, Gomes Leal, engana-se, não o tratámos ironicamente. Tratamol-o com toda a seriedade. Mas você mesmo o confessa:

«Não somos Blanqui, *ainda que as nossas convicções não cedam decerto ás d'elle,* e de todos os grandes demolidores de prejuizos, de banalidades e de bolorentos despotismos. Comparar-se um homem que combate e protesta na penumbra de um estado pequeno com um homem a quem bate de cheio toda a forte luz de uma gloria européa, pode ser uma ironia trivial de mau gosto, mas é mais do que isso, *é um absurdo.*

«*As acções infames e as nobres não se medem pela posição e extensões geographicas dos paizes.*»

Ó Gomes Leal, pois se as acções infames e nobres não se medem pela extenção geographica do paiz, como diabo é que é absurdo comparal-o a você, que combate na penumbra de um Estado pequeno, com Blanqui que combatia na plena luz de um grande Estado?

«Um homem que protesta e combate com as armas do Direito ou do talento e da indignação é sempre um homem justo, seja em que ponto do globo estiver, e seja qual fôr a posição geographica que o seu paiz occupe na carta.»

Pois é isso mesmo, Gomes Leal. Nós vimol-o a você zangado como o diabo, e dissemos logo com os nossos botões: Aqui está um homem justo. Lembrámo-nos que o Blanqui tinha andado toda a sua vida a rugir, e dissemos tambem com os nossos botões: Aqui está um leão. Um leão e um homem justo. O Gomes Leal tambem é homem justo, e tambem é leão. Logo temos em Blanqui e em Gomes Leal dois homens justos e dois leões. E não quizermos lá saber se você era da Trafaria ou de Pariz, se o Blaqui era de Bordeus ou de Carrazeda, nem fomos lá medir os kilometros de Portugal e da França. Não senhor. Dissemos apenas: São dois homens justos, e pozemol-os de braço dado um com o outro.

«Mickiewiks, o poeta polaco, protestando em versos immortaes contra a retalliação (?) da pequena Polonia, dilacerada por Nicolau, é superior a Drjvin, o poeta russo, fazendo elogios officiaes ao gigante imperador, senhor do vasto imperio gelado dos Romanoff.»

Nós sabemos lá quem é o Drjvin! Nunca ouvimos fallar em seme-

lhante besta! Gomes Leal imagina que todos teem a sua erudição! Agora já entra com os poetas russos! C'os diabos! Ó Gomes Leal, você leu o Drjvin? O diabo é você, Gomes Leal.

Mas ande cá, e oiça-nos. Lemos a *Traição*, que tem versos esplendidos, principalmente os d'aquella soberba apostrophe:

«Ó mineiro! ó mineiro! ah! quando, sob a terra,
«desces, longe da luz, as espiraes da dôr,
«e esquecendo as canções nataes da tua serra,
«espancaste de ti as illusões do amor;»

lêmos pois a *Traição*, e você appareceu-nos debaixo de um aspecto novo. Soubemos, por exemplo, que você tinha uma especialidade: o odio. A nova geração, exclama o Gomes Leal, não sabe:

«Nem rir como Voltaire, amar como Romeu,
«Soffrer como Jesus, nem odiar como eu!»

Correu-nos um calafrio pelas veias. Continuámos a ler, e vimos que você dizia:

«Eu por mim nutro um odio, indomito, selvagem,
«que é como um diamante e o raio da coragem,
«um odio colossal, demolidor, que arraza,
«e de que hei de fazer um quente ferro em braza,
«para marcar na testa a ti e a teus irmãos.»

Estes versos, Gomes Leal, foram uma revelação. Nunca nos tinha parecido um selvagem d'este feitio. Mas percebemos tudo. Você tinha o odio em casa, na sua gaveta, fizera d'elle um *quente ferro em braza*, e emquanto não chegava a occasião de marcar na testa el-rei D. Luiz, você frisava com elle as guias do bigode. Revelação importante, mesmo debaixo do ponto de vista capillar. Esse bigode gentil, cavalheiresco, aventureiro, era frisado, ó damas, com o *raio da coragem!* Assim D. Quixote, na peça de Sardou, abria gravemente com a espada as folhas d'um livro, assim o general da *Grã-duqueza* tomava pitadas com a polvora das suas pistolas.

Chegou emfim o ensejo, appareceu o tratado de Lourenço Marques, e você foi buscar o odio á gaveta. Sabe, Gomes Leal, que, apesar de não considerarmos o sr. D. Luiz um galeriano, e de nem mesmo sabermos o que diabo vem a ser um galeriano, achamos detestavel o tratado de Lourenço Marques, e energicamente o temos combatido nos *meetings*,

na imprensa e no parlamento. Agora porém que, segundo o que você nos diz, sabemos que vamos ser «espoliados de Lourenço Marques em favor do leopardo inglez», dobradamente protestamos. Effectivamante, na occasião em que se procura dar cabo de todos os animaes ferozes, depois de Julio Gerard se ter cançado a matar leões, ir a gente dar um pedaço d'Africa a um leopardo, como se não fossem bastantes os bichos que por lá ha, é muito, Gomes Leal.

«A arte, portanto, que pozer em relevo esse crime, é uma arte justa.» Exacto, como você tambem é um homem justo, e Blanqui, que passava a sua vida a rugir, outro homem justo. E, sendo você tambem justo, ha de igualmente rugir, principalmente quando os leopardos saltam na gente que é quando os leões se assanham. Ruge, Gomes Leal! Avança, leão!

«E todo o individuo, diz ainda o Gomes Leal, seja de que partido fôr, seja a auréola que o circunde, seja em que ponto do mundo se achar, ao lêr tal obra d'arte deve-a respeitar e considerar, porque aquelle que a fez, além de ser um artista, é uma consciencia.»

Branca. Esqueceu-se da côr, Gomes Leal. Você lá o diz:

«Este odio virginal das consciencias brancas
«É uma força, ó rei!...»

Mas nós o que fizemos, Gomes Leal? Vimol-o, a você, homem justo, consciencia branca, rude plebeu, homem duro, soubemos que tinha o costume de

«sem tino errar nas virginaes serranias
atraz dos ideaes selvagens, desgrenhados.»

e procuramos por toda essa Europa um sujeito com quem o podessemos comparar. Não encontrámos sanão Blanqui, outro sujeito que passou toda a sua vida a rugir, e dissemos comnosco: Só o Blanqui e o Gomes Leal é que seriam capazes, com uma chuva d'estas, d'ir rugir para a serra de Monsanto, atraz de uns ideaes desgrenhados, e por isso chamámos a Gomes Leal o Blanqui portuguez. Confesse que tivemos razão.

Pois, em vez de nos agradecer, você zanga-se, e põe-nos o seguinte dilemma:

«Ou o articulista deseja que nos mettam n'uma enxovia e n'esse caso é tão liberal como D. Miguel e o defunto Nero, ou entende que devemos estar em liberdade, e então para que é que graceja?...»

Ó Gomes Leal, então, quando você estivesse mettido n'uma enxovia, é que queria que nós gracejassemos? Que raciocinio tão singular! Ora ande cá, poeta, e cavaqueêmos um pedaço. Você é um excel-

lente moço, e de muito talento. Não tem odio a ninguem senão em alexandrinos, não é tal um rude plebeu, é até um rapaz muito elegante que veste do Keil, fuma o seu charuto depois de jantar, tal qual como o *tyranno*, o que o não impede de escrever magnificos versos, e na *Traição* mostrou que é um artista de primeira ordem.

Sabe contudo que os excessos de linguagem, a que você se entrega, e que são realmente incriveis, percebem-se na *Lanterna* de Rochefort, quando a brutalidade da palavra respondia á brutalidade da oppressão; era a dynamite do pamphletario a responder á Siberia de Cayenna, e aos cossacos da Censura; perceber-se-hia no *Espectro*, escripto entre mil perigos, não se percebe no seu poemeto, socegadamente vendido nas lojas de Lisboa, annunciado nos jornaes, emquanto você pede socégadamente lume ao sr. Arrobas, que lhe estende immediatamente, e com a maior bonhomia o seu democratico cigarro.

Ninguem duvida da sua intrepidez, Gomes Leal, mas olhe que entre nós insultar o rei não é uma prova de coragem, pelo contrario. Você sabia perfeitamente, Gomes Leal, por exemplos recentes, que a maior desgraça que lhe podia succeder, em castigo da *Traição*, era ser ministro. O *tyranno* assemelha-se áquelles tyrannos de tragedia, de quem dizia Alphonse Karr que apanhavam a pé firme as maiores descomposturas, esperando que a *victima* lhes desse uma rima em *oi*, para elles poderem dizer: *Holá gardes, á moi!* Mas o nosso tyranno nem tem ao menos esse recurso. Rima em *oi* nunca a apanha.

Portanto, Gomes Leal, insultar o rei como você o insulta, desbragadamente, espantosamente, penetrando nos recessos mais intimos da sua vida domestica, arrastando para a lama d'uns versos lubricos a castidade que deveria ser inviolavel d'uma senhora, que, se tem para você o crime de ser rainha, deveria ter tambem um caracter sagrado na sua dupla qualidade de mulher e de mãe! —ir levantar com mão de satyro realista os véos de pudor, detraz dos quaes uma senhora, que os mais ferventes inimigos da realeza teem sempre respeitado, se deveria julgar sufficientemente recatada, para que a não fossem expôr, como uma Emma Lyonna impudica, á curiosidade sensual dos que compraram as tres edições de suas cartas, obrigando-a a córar diante de seus filhos, só com o pensamento de que por diante dos olhos d'elles poderiam ter passado por acaso essas paginas indecentes, fazer isso, Gomes Leal, não foi um acto de coragem, porque devia lembrar-se de que só a um rei constitucional que tem apenas um sceptro se pode dizer o que se não diria impunemente a um marido qualquer que tivesse uma bengala.

Não duvidamos, Gomes Leal, porque não temos motivo algum para duvidar do seu brio, de que diante d'um homem que ultrajasse saberia sustentar a sua dignidade, mas isso não impede que achemos de mau gosto o dirigir insultos sanguinolentos exactamente ao unico homem do paiz que não pode desaffrontar-se.

Diario da Manhã.

GOMES LEAL

O nosso bom amigo e talentoso poeta o sr. Gomes Leal, responde hoje no *Seculo* ás accusações que lhe fez o *Diario da Manhã*.

Não vamos transcrever um trecho da resposta do sr. Leal para que o publico avalie quem mais razão tem, ou melhores armas emprega n'um combate a que somos estranhos, mas porque n'ella ha nobilissimas affirmações, de que não careciam os amigos do talentoso poeta, e que destroem completamente as suspeitas de quaesquer inimigos convencionaes.

Em toda essa pequena resposta transparece a lealdade d'um bello talento e d'um bello coração.

«Nunca accusação alguma nos feriu mais no intimo nem sensibilisou mais profundamente pela injustiça d'ella. Nós não aggredimos o rei senão como funccionario, e nem de leve quizemos sondar os arcanos da sua vida privada. A rainha sempre nos mereceu o maximo respeito, não como rainha, mas como senhora, e accusar um homem e especialmente um artista de não respeitar uma dama é a maior infamia que se lhe póde fazer, porque o artista tem no mais alto grau oculto da Mulher, e acima de todas as paixões politicas e de todos os marneis e pantanos das luctas aridas, e ás vezes estereis, sabe sempre pôl-a na nuvem de oiro do Inacessivel e do Sagrado, porque tem o sentimento do Ideal. A pintura que nós fizemos não foi nada impudica. O osculo d'uma esposa é santo, e não a póde fazer córar nem deante de seus proprios filhos, visto que o christianismo fez do matrimonio um sacramento.»

O Tempo.

QUEM É ELLA?

É, sem duvida, a gente da geração nova, que apostolisa as idéas republicanas e que trabalha para as pôr em pratica.

Mas quem é essa geração nova, que tanto anceia pelos grandes triumphos da liberdade e da democracia?

Quem é essa geração nova que, aspirando a novos ideaes politicos, condemna com todo o vigor de que é capaz os regimens monarchicos, que julga tão nocivos á patria, á patria que essa nova geração com tantas crenças ama e tão sinceramente respeita?

Não sabemos quem seja, mas pedimos ao illustre poeta republicano, o sr. Gomes Leal, que nol-a apresente.

O sr. Gomes Leal vae satisfazer o nosso pedido, e para isso patentea-nos as paginas 7 e 8 do seu pamphleto em verso *A Traição.*

N'essas paginas diz o sr. Leal:

«É o odio contra ti, fraca geração nova,
«que não quer's senão rir, não tens convicções,
«nem ideal, nem fé, nem nervos, nem tendões,
«não sabes venerar, não sabes ter respeito,
«rugir, nem arrancar as lagrimas do peito,
«nem rir como Voltaire, amar como Romeu,
«soffrer como Jesus,... etc.»

Em vista d'isto, a tal geração nova não só se mostra incapaz de implantar um novo regimen politico, como se mostra incompetente para plantar batatas.

Note-se que o sr. Gomes Leal diz que ella não tem nervos, nem tendões! Coitada!

É claro que uma geração, a qual, alem de outras muitas coisas, faltam nervos e tendões, para nada presta, o que realmente sentimos, porque somos propensos a lamentar os aleijões irremediaveis.

Sim, leitores, como quereis que haja republica, se não ha tendões?!

É impossivel.

E é uma geração assim que declara guerra a *todo o existente!*

Bem fez o sr. Gomes Leal em publicar os graves deffeitos d'ella.

Ao menos ficamos sabendo quem são os inimigos da monarchia e os sectarios das instituições republicanas. São homens sem fé, sem ideal, sem crenças, e, o que é peior de tudo, sem nervos e sem tendões!

Horror!

Espectro da Granja.

A Traição. Carta a S. M. o sr. D. Luiz, a proposito do tratado de Lourenço Marques, por Gomes Leal. Lisboa, 1881

Em poesia temos por ahi uns lamentos que nos enojam, que nos fazem recordar uma serie de frivolidades indigestas.

Toda a actividade poetica dos ultimos tempos resume-se a esses cantares dos lyricos piegas e sentimentaes, d'uma esterilidade pasmosa. Como haver arte se falta o espirito creador e se não ha uma comprehensão definida do destino d'esta?

É n,este estado verdadeiramente lamentavel que nos apparece a *Traição* de Gomes Leal.

Que poderemos dizer n'esta carta em alexandrinos, escripta n'um momento febril, de impaciencia, que apparecendo a publico foi como o estalar d'um rochedo por grandes cartuchos de dynamite?

Gomes Leal é um poeta de primeira plana, um talento robusto que começámos a admirar quando elle redigia o *Jornal dos Artistas*

(Algarve), a primeira publicação de propaganda que viu a luz n'aquelle rasto da Africa. Elle é o poeta sublime da *Canalha*, do *Tributo de sangue*, das *Claridades do Sul*, o poeta satanico que vae atraz da inspiração, como a aguia atraz da preza cobiçada.

N'este seu ultimo trabalho, elle mostra-se á altura d'um Prometheu, e, em versos de bronze, ergue o facho devorador das infamias, que illumina sinistramente esse quadro tetrico e medonho em que se jogam os nossos destinos, os destinos da patria.

Ha na *Traição* versos soberbos, de uma energia immensa, porque o poemento é obra demolidora, de opportunidade. Hugo tem-n'as assim.

Cumpre-nos porem dizer ao illustre poeta que o seu trabalho é apenas de transicção. Essa arte eterna que immortalisa os genios não podiam revelar-se n'uma obra de combate, bem o sabemos, e é mesmo por isso que d'aqui a algum tempo a *Traição* marcará apenas uma época, um facto, se de todo não fôr esquecida.

É o destino das publicações de combate. Todavia os potentes e nervosos alexandrinos concebidos pelo cerebro vulcanico de Gomes Leal, poderão servir de modelo em todos os tempos em que haja necessidade do combate contra a podridão.

A agitação febril do poeta que produziu esta peça litteraria, teve uma causa poderosa, a indignação contra um estado de cousas que nos vexa, nos degrada, nos absorve. Estudado esse momento psychologico, a *Traição* tem a sua razão de ser justissima. É por este lado que os seus contendores servis devem começar a analyse.

REIS DAMASO.

A liberdade de imprensa em França

O *Monde Parisien* dedicava n'um dos seus ultimos numeros os seguintes versos ao sr. Julio Grévy, presidente da republica:

LE ROI S'AMUSE

Monsieur Grévy, qui règne en France,
Vit seul au fonde de son palais,
Dans la plus complète abstinence;
Il n'a pas plus de deux laquais.
Depuis le lever de l'aurore
Jusqu'á ce que le joir ait fui,
Il carambole... encore... encore.
Monsieur Grévy se meurt d'ennui.

Il fait comme la boulangère,
Gagne beaucoup, beaucoup d'argent;
D'ailleurs bon époux et bon père,
Mène au théâtre son enfant,
Est câliné dans sa famille.
Il a beau tout avoir pour lui:
Billard, honneurs, femme gentille,
Monsieur Grévi se meurt d'ennui.

Il a des acteurs, des actrices,
Pour le distraire um petit peu.
Victor est lá dans les coulisses,
—«Fifille, prends bien garde au feu!
Il a des pipes colottées
Dormant au fond de leur étui,
Soigneusement emmaillotées,
Et pourtant il se meurt d'ennui.

Pour maîtresse il a Marianne;
Pour courtisans des gens très doux
Qui disent en baisant son crâne:
Seigneur, j'embrasse vos genoux.
Bref, il a tout ce qu'on adore,
Le mépris et l'argent d'autrui,
L'approbation de Pandore,
Et pourtant il se meurt d'ennui.

Il a, pour répondre aux harangues
De messieurs les ambassadeurs,
Un, fin diseur en toutes langues:
Duhamel dit la *Clef des cœurs!*
Et sa vie est couleur de rose!
En vérité, quel est celui
Qui me dira pour quelle cause
Monsieur Grévy se meurt d'ennui.

Os versos não primam pela escolha das rimas, nem pelo espirito mas podem ser classificados de inoffensivos. Não o entendeu, porém, assim o agente do ministerio publico, que deu querella contra o *Monde Parisien* por ter offendido o presidente da republica.

O julgamento do jornal realisou-se n'um dos dias da semana passada. A defeza foi brilhantemente sustentada pelo advogado Jorge Lachaud, que se esforçou por provar que os versos eram innocentes. Não o julgou assim o agente do ministerio publico, que insistiu em que

principalmente os quatro versos da penultima estrophe continham imputações completamente offensivas para o presidente da republica.

O tribunal, conformando-se com esta opinião, condemnou o gerente do *Monde Parisien* em tres mezes de prisão e tres mil francos (réis 540$000) de multa.

Que ponham os olhos n'este espelho os srs. republicanos de cá, os que percebem francez e podem entender os versos, já se vê, e comparem este facto passado em França com o que succede todos os dias em Portugal, onde avultam os mais torpes ataques ao chefe do estado, os quaes ficam constantemente impunes.

Qual seria a sorte do sr. Gomes Leal se a sua epistola, a proposito de Lourenço Marques, fosse publicada por um editor francez e apparecesse á luz em Paris? Um banhosinho de cadeia, d'onde só sairia depois de velho, e a perda dos prediositos da rua do Sol, se por acaso ainda conserva intacta a legitima paterna.

E com isto, tudo tinha a lucrar o publico, que o não lia, e os inquilinos a quem elle não continuaria a augmentar a renda das casas.

Diario Illustrado.

O nosso folhetim d'hoje é um magnifico excerpto final da—Carta a el-rei D. Luiz sobre a venda de Lourenço Marques—de que é auctor esse athleta democratico, esse vehemente e inspirado poeta—Gomes Leal.

Essa explendida producção—A Traição—que se acha á venda em todas as principaes livrarias do Porto e Lisboa, é uma das obras de propaganda mais activa e ingente que até hoje se tem publicado.

Gomes Leal e Bordallo Pinheiro são dois vultos que a democracia deve glorificar nos seus annaes como os primeiros e os mais elevados propagadores dos principios democraticos.

Norte Republicano.

A GOMES LEAL

Foram diversas e variadas as impressões que causou no publico a apparição do vigoroso pamphleto em verso do excellente poeta e nosso prezadissimo amigo Gomes Leal.

A proposito, sujeito que não conhecemos, mas suppomos já avançado em annos, enviou-nos a seguinte oitava, para a qual nos pede publicidade, que não duvidamos dar-lhe, porque, a julgal-a pelo pensamento, vemos que é uma expansão, um desabáfo, e considerada como

obra de arte notamos que lhe corre facil a rima e maneja bem o verso: é finalmente um poeta.

> Sim, tudo isto é baixo,
> É tudo vil, bem sei;
> Mas essa affronta ao rei
> Não sei quem vos inveje:
> O rei não póde nada,
> Por si, segundo a Lei:
> Se é justa a vossa espada,
> Ao vel-o, que o corteje.

Um convencionado de Evora-Monte.

Agora nós.

O nosso illustre desconhecido que pela denominação de *convencionado*, com que se nos apresenta, se revela estrenuo defensor e amante convicto da monarchia, faz a sua profissão de fé nos oito versos acima, e tenta com elles defender o que não tem defeza.

Não deveramos ser nós que lhe respondessemos, e por certo o nosso bom amigo, arrojado poeta e esclarecido correligionario, Gomes Leal, lhe responderá. Digamos no entanto já alguma cousa.

Vamos por partes.

Começa o nosso *convencionado* por achar *tudo isto baixo e vil.* Ora, devemos concordar que é este um meio pouco logico de defender uma instituição que está já caindo a pedaços, afogando-se a si propria no lôdo das suas podridões como implicitamente confessa este seu apaixonado.

Diz depois, que *não sabe quem invejará ao poeta a affronta ao rei.* Como é que se chama affronta ao que é simplismente a expressão da indignação d'um povo contra as prepotencias de que está sendo victima, vendo-se espoliado e roubado?

E continua dizendo—*o rei não póde nada.* É o eterno sophisma comico com que procuram tornar o rei irresponsavel, deitando para cima da lei todo o odioso do resultado da vontade regia que se impõe, praticando toda a casta de abusos. É muito safado o argumento, e por isso não logra já convencer.

E conclue—se *é justa a vossa espada que o corteje.* Pois é por ser justa a espada que o poeta maneja que não póde cortejar o rei; mas sim censural-o, com toda a energia do seu bello talento, em versos esplendidos, que teem a rigidez do aço, e ferem, e são ao mesmo tempo cheios de luz e brilhantes como cristaes, sonoros como um clarim de guerra, terriveis como uma sentença de morte.

E agora o illustre *convencionado* que exercite o seu éstro em melhor e mais digna questão.

A Liberdade.

A GOMES LEAL

(Após a leitura a TRAIÇÃO)

Eu amava no Oriente as noutes tempestuosas,
as noutes hybernaes de notas cavernosas
em que parece ser uma taberna o céu,
as noutes em que o mar beijado do escarceu
treme como n'um leito uma mulher violada;
em que a chuva que cae, douda, descabellada,
co'um tinir de grilhões bate pela vidraça
e faz crêr que pelo ar algum forçado passa;
em que a lua não rompe a atmosphera sombria
e jaz como o affogado immerso na agua fria,
severa e sepulchral d'um lago silencioso;
em que o firmamento é triste e tenebroso
porque o vento apagou com um sopro as estrellas.

Aquellas noutes são tragicamente bellas.

Mas n'esta latitude a cousa é differente;
o céu peninsular tão fino e transparente,
esta abobada azul tão fresca e tão louçã,
qual face de mulher que acorda de manhã
inda humida e feliz d'um osculo vermelho,
assume pelo inverno o ar d'um capote velho.

Porque o inverno aqui é um inverno reles;
nem tem o frio russo, o que faz vestir pelles,
nem das noutes do Oriente a barbara harmonia.

Por isso sinto em mim a immensa nostalgia
das chuvas, dos trovões, dos gritos das torrentes,
que descem arrastando os chacaes e as serpentes,
e do ullular feroz, longo do vendaval.

Pois bem esta paixão estranha e original,
o gosto pelo inverno, o amor da trovoada,
saciaste-m'o tu, figura desgrenhada,
que tens na tua bocca a lingua d'um propheta,
e mostras a nudez soberba d'um athleta.

A forte inspiração que te dictou os versos
com que açoutas os vis e marcas os perversos;
esse impeto brutal com que saltas á liça
e em nome do Direito, em nome da Justiça,
fazes o arrombamento ás portas do Futuro;
esse brado viril, esse golpe seguro,
contra um Senhor que vende a outro povos inteiros
como vendem manteiga ou queijo os merceeiros;

essa heretica mão que zurze os vendilhões,
os que mercam a patria em feiras e em leilões,
agarra-os nos degraus do throno e os deita abaixo,
que a purpura real transforma n'um capacho,
e atira sem piedade ás rijas vassoradas
monarchas ao monturo, ao lixo, ás enxurradas;
esse rude estallar da tua indignação
produz em mim, poeta, a electrica impressão
das chuvas torrenciaes, das rajadas insanas,
de todo o bello horror das noites indianas.

E por isso, de pé, aqui te dou as palmas
que se dão a quem faz desabrochar as almas,
e dout'as sem parar, ruidosas, trovejadas,
até fazer de todo as mãos ensanguentadas.

Guilherme Moniz Barreto.

RESPOSTA AOS CRITICOS

Poucas obras conseguem fazer sahir do habitual marasmo a critica portugueza e agitar a onda da opinião, como o pamphleto que escrevemos sobre o tratado de Lourenço Marques, para fixar a questão, consolidar o partido avançado, e castigar com o ferro em braza d'um verso colerico e cruel uma fronte que cinge o diadema. A poesia da Colera, de que deu tão bellos exemplos aquelle povo de psalmistas e prophetas, esta poesia pamphletaria que inaugurámos em Portugal, que tinha tão estranhamente passado pelos labios febris dos povos opprimidos, e pelas harpas de ferro dos grandes poetas justiceiros e vingadores, manifestou hoje todo o poder de que dispõe para agitar como um forte vento de tempestade o grande canavial das multidões.

A poesia de combate, de que haviamos dado um specimen na *Canalha,* muito abstracta, muito synthetica, havia levantado os espiritos e levado-os para os dominios das idéas puras: faltava-lhe ser pessoal, mais humana, e ferir ainda mais de perto os homens e as cousas, para que tocasse melhor no alvo, e abalasse, como um furacão, todos os dentes das raizes dos preconceitos.

É que nós estamos n'um seculo convulso e indisciplinado em que o homem preoccupa mais que toda a Natureza, e por isso a poesia ha de tender sempre mais a ser *humanista* do que naturalista.

Já affirmámos isto n'uma nota do nosso primeiro livro as *Claridades do Sul,* e os annos que teem corrido mais nos teem confirmado n'esta verdade artistica e social.

De facto, é obvio e racional que devemos preoccuparmo-nos com a natureza no que ella possa trazer de bem ao homem, ou modificar-lhe a essencia para melhor; porque no mais que ella tem de impenetravel para que havemos de nos propôr a decifrar eternos problemas,

sempre insoluveis, quando ainda nos não conhecemos a nós? Que sciencia está mais atrazada que a medicina? Em que incertezas não caminha ainda a biologia? O que pode affirmar de seguro, categorico e preciso a antropologia?

Pois se o homem é o maior, mais nobre, e o sempre inquieto problema, se este eterno viajante, que ainda não conhece a sua origem, e que sahido do crepusculo dos tempos, n'uma anciedade dolorosa e tragica, caminha para outro crepusculo, interrogando a todos os astros contemporaneos, ou mais velhos do que elle, quem é, e para onde vae,— se o homem não sabe ainda o *alpha* do seu destino, porque não tratará primeiro de soletrar todo esse alphabeto mysterioso? É por isso, portanto, que o Homem deve mais preoccupar-se de si do que da Natureza. Toda a Sciencia, Arte e Poesia, deve tender essencialmante portanto a ser biologica, verdadeira, viva e humana. D'aqui o futuro predominio do *humanismo* sobre o naturalismo.

Ora a poesia de combate tende por isto a tambem passar da phase puramente synthetica e abstracta, como a borboleta que faz a sua metamorphose e deixa o involucro, para a phase essencialmente pessoal e apaixonada.

Entra no genero da satyra, sem ser comtudo a antiga satyra romana ou a dos prophetas biblicos. Á medida que as sociedades vão envelhecendo, crescendo pois com a sua senectude os seus vicios, o sentimento da Justiça acorda tambem mais vivo, irrompe mais impetuoso das lyras, e a satyra aperfeiçôa-se, e toma as altas proporções d'uma epopeia, onde entram os quatro grandes ventos do espirito, na phrase do velho Hugo. Devem-se ouvir vibrar n'ella pois os grandes arrojos da epopea, o sibilar dos açoutes do Escarneo, as profundas melancolias lyricas da alma em face do Irrealisavel, e as lagrimas e as furias do drama para apaixonar, convencer e soterrar.

As prophecias biblicas, que não duvidamos em fazer entrar n'este grande genero, dão-nos a primeira phase da satyra, a phase épica, e a indignação em nome do sentimento religioso. Os romanos, vasto povo que assimilou em si todas as fórmas e todos os cultos, tendo perdido o respeito dos deuses, conservaram comtudo na sua philosophia, o culto da moral, e as satyras de Juvenal são o ultimo arranco da Indignação, e o ultimo protesto d'um homem forte e justo sobre as ruinas d'um mundo que já se vê cair. A satyra perdeu o tom da indignação religiosa, mas, vibrando a Ironia particularmente, defende o ultimo reducto da Moral, e sendo menos épica, menos mythica, é comtudo mais humana e mais frisante.

Victor Hugo vem, e funde nos *Chatiments*, n'um molde unico, os dois moldes distinctos—a Epopea e o Escarneo. N'esses alexandrinos de fogo, a obra mais vigorosa do seu espirito, o velho poeta alliou os dois generos separados, e deu-nos a Ironia, a par dos grandes lampejos da epopéa, em que o espirito se libra nas azas do Ideal e da Utopia,

palpitante d'anciedade, em demanda da perfeição absoluta. Com a ironia vigorosa chicoteia os homens e as minuciosidades dos vicios; na nota épica paira acima dos homens, e abraça o espirito das Cousas.

Urge pois ampliar a este genero as duas notas mais vivas e mais palpitantes, em que o homem, por assim dizer, se surprehende em plena vida e em pleno mar de paixão,—a nota lyrica è a dramatica.

E quando fallamos da nota dramatica, queremos referir-nos á paixão, ao interesse, á vida—a lenda do homem em que elle soffre e padece.

Tentámos fazer entrar essas duas notas mais no nosso pamphleto, e o episodio, se assim se pode chamar, do mineiro; pode dar uma idéa da nossa tentativa.

Ácerca dos merecimentos artisticos da obra, quasi todos os criticos foram concordes em a festejar, e o primeiro de todos, devemos-lhe essa rigorosa justiça, foi o *Diario de Portugal*, ao qual protestamos o nosso agradecimento.

O articulista do *Diario da Manhã* respondendo a um artigo do sr. Theophilo Braga dirigiu-nos por incidente umas leves allusões em que nos comparou a Blanqui, o eterno rebelado, que passou a sua vida nos carceres.

Urge dizermos algumas palavras sérias ao articulista, porque n'ellas respondemos tambem ás arguições parvoas d'alguns acéphalos, que terão mais tarde devidamente o seu correctivo.

Não somos Blanqui, ainda que as nossas convicções não cedam de certo ás d'elle, e de todos os grandes demolidores de prejuizos, de banalidades e de bolorentos despotismos. Comparar-se ironicamente um homem que protesta na penumbra d'um estado pequeno com um homem a quem bate de cheio toda a forte luz d'uma gloria européa, pode ser uma ironia trivial de mau gosto, mas é mais do que isso é um absurdo. E esta ironia é um absurdo porque as acções infames e as nobres não se medem pela posição e extensões geographicas dos paizes.

Um homem que protesta e combate com as armas do direito, ou do talento, ou da indignação é sempre um homem justo, seja em que ponto do globo estiver, e seja qual fôr a posição geographica que o seu paiz occupe na carta. Micwcks, o poeta polaco, protestando em versos immortaes contra a retalliação da pequena Polonia, dilacerada por Nicolau é superior a Derjvin, o poeta russo, fazendo elogios officiaes ao gigante imperador senhor do vasto imperio gelado dos Romanofs. Egualmente, tambem, não ha tyrannos pequenos nem tyrannos grandes, conforme o maior ou menor numero de kilometros dos Estados. Uma tyrannia é sempre uma tyrannia em face do Direito. Bem pequeno era o reino de Macedonia e bem pequena era a Grecia, e não deixaram por isso de ficar celebres no mundo os protestos energicos e os vituperios geniaes de Demosthenes contra Filippe que queria fazer a retalliação da Grecia. Tão celebres e justos foram, tão grande ecco acharam no vasto

coração universal que se ficaram chamando essas objurgatorias terriveis as *Filippicas*.

O sr. D. Luiz, portanto, querendo espoliar-nos a favor do leopardo inglez d'uma possessão como Lourenço Marques, não é o rei d'um pequeno Estado do Occidente, commettendo uma pequena tyrannia e uma pequena espoliação, de que o mundo nunca mais fará caso.

O sr. D. Luiz, commettendo tal facto, é um galeriano, como qualquer dos galerianos celebres na historia; celebres nos seus attentados contra o direito humano. A arte portanto que pozer em relevo esse crime é uma arte justa. E todo o individuo, seja de que partido fôr, seja a auréola que o circunde, seja em que ponto do mundo se achar, ao ler tal obra d'arte deve-a respeitar e considerar; porque aquelle que a fez, alem de ser um artista; é uma consciencia. Todos os crimes alem d'isso que se commetterem contra a nacionalidade portugueza tendem tanto mais a não ficarem desapercebidos pela historia, quanto nós temos a affirmar essa nacionalidade um poema que fez despertar a attenção do mundo sobre este pequeno Estado. Cabe-nos portanto mais a responsabilidade de protestar contra quaesquer attentados contra o Direito, e contra a integridade d'este Estado, porque esses protestos nunca serão desprezados por povo algum, e o contrario é que seria tido por uma cobardia e uma humilhação d'escravo, que foi o epitheto que já nos deu Byron.

A allusão do articulista a nós se tende ironicamente a mostrar que não somos martyres como Blanqui, pois que ainda não estamos encarcerados, obriga-nos a fazer o seguinte dilemma: Ou o articulista deseja que nos mettam n'uma enxovia, e n'esse caso é tão liberal como D. Miguel e o defunto Nero, ou entende que devemos estar em liberdade, e então para que é que graceja?

Se tende a insinuar no animo do publico que nós não escreveriamos esse pamphleto se não estivessemos confiados em que não usariam de rigor comnosco, temos a advertir ao articulista que nós ainda não démos causa a nenhum articulista de suppôr que nós tivessemos *medo*. Essa suspeita póde desvanecel-a todo e qualquer publicista cada vez que quizer, por experiencia propria. A coragem civica é uma coragem que pode tão bem existir n'um pequeno paiz cachetico e arruinado do Occidente, como na França, como na Irlanda, como nas *steppes* da Russia, e achamos curioso sobretudo que se duvide d'essa coragem no calor dos excessos mais revolucionarios do nosso seculo.

Se essa suspeita nos é puramente pessoal, nós trataremos de desmentil-a.

Urge-nos egualmente a necessidade impreterivel de defendermonos e protestarmos severamente contra uma accusação grave que nos fez o articulista, que é a de ter offendido a rainha.

Nós não aggredimos o rei senão como fnnccionario, e nem de leve quizemos sondar os arcanos da sua vida privada. A rainha sempre nos

mereceu o maximo respeito, *não como rainha,* mas como senhora, e accusar um homem, e especialmente um artista, de não respeitar uma dama é a maior injuria que se lhe póde fazer, porque o artista tem no mais alto gráu o culto da Mulher, e acima de todas as paixões politicas e de todos os marneis e pantanos das luctas aridas, e ás vezes estereis, sabe sempre pôl-a na nuvem d'ouro do Inaccessivel e do sagrado, porque tem o sentimento do Ideal. A pintura que nós fizémos não foi nada impudica. O osculo d'uma esposa é santo, e não a póde fazer córar, nem diante de seus proprios filhos, visto que o christianismo fez do matrimonio um sacramento.

O sr. Caetano Pinto tecendo encomios á obra, censura-nos por sermos partidarios da Revolução, quando elle é apenas evolucionista. Faremos notar ao distinto escriptor que traçou aquellas linhas que as revoluções estão dentro da Evelução, como as tempestades, os terramotos, os cataclismos. Estão dentro do plano d'ella, e são sempre um resultado da maturidade das cousas, e as consequencias das proprias leis. A Revolução está dentro da Evolução, como está dentro da Fórma, Numero e Espaço. Para que a nuvem desfeche o raio, ha de primeiro carregar-se de electricidade, lentamente,—a qual só ha de rebentar no momento psichologico e preciso.

A Historia como a Natureza não dá saltos, e as revoluções que para muitos se antolham como saltos, não são effectivamente mais do que resultados de causas fataes, como as tempestades saem de grande electricidade accumulada. Como a Historia, portanto, não dá saltos, nós não cremos em nenhum homem o poder de apressar as circumstancias, as quaes hão de ter as suas consequencias logicas, que se hão de produzir no momento preciso, em virtude das leis historicas.

Trabalhar pois para a Revolução, é estar dentro da Evolução, é trabalhar para um fim, que se sabe se ha de dar no momento preciso, e só no momento preciso, por que as leis podem não ter sido descobertas ou conhecidas, mas são implacaveis e não se alteram. Como Herder somos da opinião de que a Humanidade não é nem foi, sempre, e conforme as circumstansias do tempo e logar, se não o que podia ser, e nada mais senão o que podia ser. Portanto o articulista é tão revolucionario como eu, e eu tão evolucionista como o distincto articulista.

O sr. Xavier de Carvalho, escriptor moderno e dos mais esclarecidos, mostrando o seu fundo enthusiasmo pela nossa composição, nota que nos recordámos de Zola no seu livro *Mes haines,*—e como predilecção artistica sente maior enthusiasmo pela nossa outra producção, a *Morte do Athleta.*

Posso affirmar ao distincto escriptor que nós não pretendemos imitar Zola. Quizemos tratar o mesmo assumpto no verso, como elle o tinha tratado na prosa, o que é permittido a todo o artista, sem se indentificar com outro, antes pelo contrario com o intuito ou de ferir algumas notas novas, como crêmos que ferimos, ou de encarar o assumpto por

um lado completamente novo. A respeito da superioridade da *Morte do Athleta* temos a dizer ao nosso amavel critico que essa superioridade não existe. Dois generos diversos nunca se comparam. Póde haver uma tendencia artistica mais pronunciada para um genero, do que para outro, mas esse gosto ou essa tendencia não lavra sentença alguma sobre a supremacia d'um genero sobre outro. A poesia de Colera, no seu genero, è tão bella como a canção d'um Lakista. Uma póde dulcificar um coração, ferido por um raio de lua, outra póde levantar uma alma, varada pela espada da Tyrannia!

O *Espectro da Granja* extranhou-nos que confessassemos o nosso odio á geração nova, e que propalassemos que ella não tinha convicções, nem ideal, nem fé; que fosse sceptica, e que não soubesse nem amar, nem ter respeito, como os grandes symbolos da paixão humana.

O articulista não attendeu bem ao sentido da apostrophe, e de certo não entendeu que nós fizemos ali a nossa profissão de odio áquella parte da geração nova que se distingue por todos aquelles defeitos: o rizo *boulevardier* improductivo, o amor do ocio, a abstenção de todas as grandes luctas, o indifferentismo, o egoismo, e todo o *demonio-legião* dos vicios canalhas.

Como o publicista deve convir, a geração nova não póde ser composta sómente de sabios, de justos, de trabalhadores de Direito, de revolucionarios, e de cinzeladores altivos do Ideal. É composta tambem de muitos salafrarios e safardanas, e a essa parte, é a quem se dirige a nossa apostrophe.

O *Diario Illustrado* um dos orgãos conservadores da actual situação pedia emfim para nos um *banho d'enxovia*, d'onde não deviamos sair senão velhos!

O articulista para bem das instituições vigentes, e segurança do throno que um dia o pode nomear amanuense, pedia em altos brados para mim uma masmorra!...

No auge da sua dedicação pela corôa, que elle vê periclitante, o articulista; para maior socego seu e das instituições, só lhe faltou pedir em altos brados que fosse elle proprio o *chaveiro do meu carcere*.

Este excesso de zelo, exagerado, pois que passaram as grandes épocas das historicas dedicações monarchicas, este excesso de zelo seria comico, se não fosse degradante para o auctor do escripto, pois que o reduz ao papel aviltante e reles de accusador publico.

Não sabemos quem é o articulista, pois que n'este *can-can* litterario e politico de Portugal poucos hoje teem a lealdade de firmarem o que escrevem.

Para cumulo de monarchismo, o articulista, n'uma questão puramente politica e litteraria, penetrando no fôro da nossa vida privada, dá conta ao mundo dos nossos predios, e ingerindo-se com um impudor que ficará lendario na vida alheia, tem o arrojo de calumniar-nos, affirmando que nós levantavamos o preço das rendas aos locatarios.

Isto é supinamente falso. Ao contrario, alguem poderia affirmar que cedemos muitas vezes gratuitamente compartimentos a necessitados, mas nós não queremos insistir n'esta ridicularia, pois que nos enoja descer a satisfações da nossa vida privada. Posto que ella tenha sido sempre justa, impeccavel e irreprehensivel, não concedemos a ninguem o direito de nos inventariar os actos, e de nos interrogar sobre as acções, das quaes só teriamos de dar conta se fossemos um funccionario, que não somos, e isso só nos dominios da nossa vida publica.

Registamos apenas o facto como uma bisbilhotice da *critica alfacinha*, e pedimos para esta critica um Lazareto.

Resta-nos comtudo a pena de não conhecermos o nome do singular articulista.

Mas havemos de conseguir sabel-o.

A Caetano Pinto, a Reis Damaso, a Teixeira Bastos, a Xavier de Carvalho, a Gomes da Silva, a Raphael do Valle, ao joven poeta Moniz Barreto, que na edade de 17 annos, mostra já um pulso superior á edade, e em geral aos articulistas que, mau grado as divergencias politicas, e ainda que adversarios, apreciaram favoravelmente a composição, na sua parte puramente esthetica, agradecemos, reconhecidos, os seus benevolos juizos.

A Reis Damaso agradecendo o seu conceito sobre o pamphleto, temos comtudo a objectar-lhe que não pertencemos de modo algum á escóla do *satanismo*. O satanismo foi o primeiro nome baptismal que recebeu entre nós a poesia realista, que tão desnaturada anda.

Nós comtudo, já por varias vezes, temos protestado não pertencermos a escóla alguma. A escóla é sempre um molde estreito onde se vasam theorias e formulas de convenção, e o poeta desde que abdicou da sua individualidade para se filiar n'um bando litterario, deixa de pensar por si, e procede conforme uma *pose*, uma convenção, e acceita um estylo com phrases, *trucs* e adjectivações já feitas, que ou elle fez, e então fica pertencendo tambem aos seus discipulos, ou já estão feitas, e então recebeu dos seus mestres.

Portanto, nós, bem alto, o protestamos—temos o gosto de não pertencer a alguma escóla.

Não temos mestres.

Nem queremos tambem ter discipulos.

Somos nós—e não a sombra d'algum grande homem de França, d'algum grande homem de Berlim, e d'outro não menos grande homem de S. Petersburgo.

No entanto, se por alguma das escólas actuaes sentimos predilecção é pela do naturalismo, mas queriamol-o menos descriptivo, menos desnudado, e ainda muito mais humano.

Uma escóla que succedesse a esta, menos exagerada, menos diffusa, menos carregada d'essa rhetorica convencional do descriptivo, e mais humana, poder-se-ia bem chamar, apesar do horror que temos ás ter-

minações em *ismo*, e aos baptismos litterarios d'escólas, o humanismo.

Ainda a respeito do que Reis Damaso diz—que o genero do nosso pamphleto é um genero de transicção,—temos-lhe a ponderar, que a satyra, genero a que o nosso pamphleto pertence, assim como o genero lyrico, e o genero dramatico, não são generos de transicção, pois que são eternas fórmas do modo de ser humano.

Muitas outras composições e criticas se têm publicado que nos foi impossivel colligir n'esta edição, e entre outras uma carta do illustre poeta, nosso correligionario, Teixeira Bastos, e a favoravel critica da *Chronica Moderna*.

Varios pamphletos sairam tambem, rebatendo o nosso.

Os seus auctores limitam-se á sentimentalidade constitucional, e continuam a achar detestavel a nossa politica.

Estão no seu direito, e respeitamos-lhes as virgineas illusões.

Nós continuamos a achar detestavel a politica d'elles.

Porem, como em todas as cousas ha sempre um grotesco, d'entre os pamphletarios que rebateram o nosso escripto, destacou-se ultimamente um que pelo impagavel e drolatico das opiniões—as mais farcistas e patuscas que temos visto, desde os escriptos do immortal de Belem —mereciam bem entrar na galeria dos *grotescos* de Theophilo Gautier.

Este pamphletario—é o sr. Martiniano Marrecas.

Este sr. Marrecas é grammatico.

E este senhor grammatico é... Verão o que elle é.

Diz este sr. Marrecas, entre muitas outras cousas extraordinarias e immortaes, que *pandilha* não é palavra portugueza, porque não se acha nos diccionarios, e que se deve dizer *pandilheiro*.

Nunca ouvimos dizer *pandilheiro* a ninguem senão ao sr. Marrecas.

Diz mais que não se deve dizer *latrinario*, e sim *latrineiro*.

E que se não deve dizer *vasa*, mas sim *nateiro*.

Que Marrecas este!...

Provavelmente, vista esta sua mania das terminações em *eiro*, tambem nos cabe o direito de não gostarmos da terminação do seu appellido, e em vez de Marrecas, appellidal-o,—o sr. *Marrequeiro*.

Ajunta mais este singular Marrecas que não sabe o que é *hieratico*, e que não percebe que *azul* é esse de que nós fallamos, quando dizemos que *correm nuvens no azul*.

Mas que culpa temos nós d'isso, sr. Marrecas?

Julga que lhe vamos dar a explicação d'isso?

Não somos tão grotescos, como o senhor.

Comtudo a sua apparição nas letras foi d'uma fórma tão estrondosa, tão phenomenal, e ridente, que não podemos deixar, de, á sua apparição, fazermos a parodia aos versos que Boileau fez á apparição de Malherbe na litteratura franceza.

Eil-a:

Marrecas surge emfim—grammaticão profundo,
que quer com a marreca endireitar o mundo,
e mal que elle surgiu, a burra de Balaão
no cóllo lhe caiu, gritando—«É meu irmão!»

Adeus, sr. Marrecas.—Estude e endireite-se, homem!

Censuram-nos egualmente monarchicos publicistas de havermos atacado o rei,—*que é o unico homem que se não pode defender.*

Esta extraordinaria definição de rei, que é de Karr—é sophistica como muitas d'elle, e como elle já tem cabellos brancos. Segundo esta extranha opinião, um rei poder-nos-ia mandar espancar, açoutar, assar como S. Lourenço, apedrejar como Santo Estevão, empallar como na Turquia, que nem nós, nem nenhum dos nossos, poderia ter o recurso de pegar na penna e protestar, pelo facto de que o rei—ou acha indigno de si pegar n'uma penna para responder, ou não sábe servir-se d'ella.

Um rei poderia commetter a seu sabor as maiores picardias, canalhices, arbitrariedades, mas a um subdito não ficaria airoso, segundo elles, escrever o que sente do seu soberano, pelo facto de que um rei acha a profissão, da penna, uma profissão réles de vilão, ou se acaso pega n'ella é para assignar *Migel*, em vez de Miguel, como escrevia o tio do actual monarcha. Segundo esta pia doutrina pois, a um plebeu continuaria a ficar só eternamente o consolador recurso de—gemer e pagar!

Mas ao sr. D. Luiz nem mesmo resta a desculpa que tinha seu tio de ignorar os arcanos da orthographia. O sr. D. Luiz de Bragança é um litterato, um homem de letras, um traductor de Shakspeare, um nosso regio collega emfim. Por que não ha de empregar para defender os seus actos e a sua honra tão compremettida a penna de que se serve para interpretar o poeta inglez? Não vemos inconveniente nenhum n'isso. Se não acha deshonra a profissão da penna, e d'ella se serve prestando preito á litteratura ingleza, mais logico, mais util e mais honroso lhe fóra servir-se d'ella, e defender a sua honra e a sua côroa compromettida. Luiz XVIII escrevia artigos para os jornaes politicos, por que não ha de Luiz I escrever a sua defesa, lançando a verdadeira luz sobre o o caso tenebroso e cheio de politicos mysterios?...

O rei portanto não é o homem que se não póde deffender, como dizem os logicos monarchistas.

E ainda que fosse o unico homem que se não podesse deffender —não lhe caberia o direito de ser o unico homem que nos podesse atacar impunemente!

Carta que uma commissão de operarios, offerecendo uma penna de prata, dirigiu ao auctor

---

É raro e mesmo difficil n'esta nossa desgraçada terra ter algum merito e escapar á acção, absorvente, corruptora, pestilente do machiavelismo constitucional.

A peior das causas, por mais injusta, por mais absurda e indispensavel que seja, tem sempre defensores emeritos, *desinteressados* propugnadores.

É mais facil e mais vulgar ser Catillina de que Gracho ou Scevola; por isso os segundos são raros; dos primeiros são frequentes e numerosas as correctas repetições.

Marcar com o ferrete da ignominia os filhos espurios de um povo, os vendilhões, os refalsados; expor á irrisão, ao latego da indignação popular os hypocritas, os jesuitas disfarçados que atraiçoam a patria rasgando-lhe impudicamente o manto nobilissimo e rico d'outr'ora, se não é recto caminho evolucionario por onde hoje devemos e podemos chegar a toda a ordem de progressos por onde se ascende á consecussão das legitimas e levantadas aspirações da democracia, é comtudo fortissimo estimulo e sobre tudo um poderoso processo propagandista.

Á evolução preferiu V. Ex.ª o caminho revolucionario. Não é a revolução demolidora e sangrenta do trabuco e da metralha, mas a das grandes idéas sob a fórma elegante e commovedora, enthusiastica da palavra!

Os miserrimos do patriotismo abdominal sentem periclitar a *pratica da davassidão politica* em que refocilam; tremem de susto e colera e no seu ferino ranger de dentes, esses precitos da historia, ameaçam o talento intemerato com a reclusão d'uma enxovia, onde a consciencia lhes está gritando que, se as leis não fossem uma mentira da monarchia, elles ha muito deviam estar a bom recado! Mas o povo que principia a abrir os olhos, responde-lhes serenamente lendo os versos e victoriando

quem desassombradamente prefere um simples costume popular á luzida multicor e agaloada libré palaciana.

Os reis e os histriões são apenas uma secreção mephitica, sem fórma definida, sem papel a desempenhar; são uma doença, um facto pathologico anormal na vida collectiva dos povos. Servir estes é combater essa infecção miasmatica e mortifera; servir um povo é exercer uma alta funcção no complexo complicado organismo da humanidade. Servia-a o illustre poeta, que ella na sua larga existencia de milhões de annos o premiará com o epitheto de seu bemfeitor.

Felicitamol-o pela recente publicação do seu poemeto-carta ao rei. E como homenagem ao seu talento e patriotismo, permitta que nós, simples filhos do povo, lhe offereçamos uma penna, de prata, objecto sem valor intrinseco é verdade, mas que exprime o nosso affecto e a nossa admiração por quem brilhantemente sabe ser interprete do sentimento nacional da do povo portuguez.

Lisboa, 10 de abril de 1881.—*J. Teixeira—João Gomes de Faria—Francisco José da Silva Machado—Jayme Maggiolli—Joaquim Alfredo de Araujo—Pedro Antonio Jorge—Miguel José Martins—Antonio Lourenço Pereira—Alfredo Augusto Faria—Lourenço José dos Santos—J. Augusto Garcia Quintana—Joaquim Mamede Ferreira da Costa—Joaquim José de Faria—Ignacio José Alves Pacheco.*

RESPOSTA

Meus presados correligionarios e amigos.

Sinto-me penetrado da mais dôce e nobre das gratidões, que é aquella do artista e do evangelisador a quem festejam a sua obra e estimulam na propaganda do seu verbo, ao receber o brinde com que vos dignastes honrar o trabalho do meu espirito.

O receio que me accomette, senhores, é não achar termos sufficientemente proprios, com que vos possa pintar esta gratidão!

Na difficuldade de vol-a significa condignamente, não procurarei os termos emphaticos, nem as solemnidades trabalhadas. Para ser digno de vós e dos sentimentos que vos inspiraram, procurarei termos simples e sinceros, convictos e nobres, como são os vossos honestos corações, e os principios para a cruzada dos quaes se abalam todas as nossas vontades e todas as nossas energias, com um grande arremesso de justiça e de ideal.

A offerta que me fizestes, senhores, ennobrece os vossos sentimentos, porque formula bem a justa aspiração de todos os espiritos de todos os seculos, (e que muito mais frisantemente distingue este) que é a remuneração do trabalho, remuneração que é uma das faces mais augustas do direito, remuneração que não está no valor intrinseco do brinde como vós muito bem dissestes; mas que sae do puro quilate d'ouro dos vossos corações, remuneração muito mais grata ao espirito desinteressado do verdadeiro artista, remuneração que infelizmente não tiveram muitos genios incomprehendidos, e que não teve o cantor da epopeia do homem moderno, a maior penna e a maior espada que ainda defendem a nossa nacionalidade.

Mas, senhores, este seculo convulso, agitado, irrequieto, no qual se agita talvez indeciso, como n'um sonho trabalhado, toda a alma dos povos futuros, como é o advogado de todos os opprimidos, parece que lhe pezam na consciencia os crimes de todos os seculos passados contra os artistas, os poetas, os sabios, que são os eternos semeadores das verdades,—os renovadores e os agitadores,—parece que lhe pesa na consciencia o remorso do que não perpetraram, e por isso quer entrar no trilho das grandes reparações.

Vós senhores mostrastes,—e a gratidão que me possue, ficará indelevel no meu coração!—vós mostrastes que apreciaes em muito o fructo do espirito, a semente de luz que se deita ao solo da opinião, a lava do verbo que se atira á aspiração das consciencias, e o vento da indignação d'um espirito honesto e puro, vento que, apezar de sair do frémito das cordas d'uma lyra, não deixa por isso de dar o arrepio do enthusiasmo ás multidões, e de fazer curvar a cabeça dos grandes criminosos, e dos grandes culpados do paiz, que se agita e protesta!

O paiz juntamente comvosco, na consagração que fez da minha obra, mostrou bem como é forte e justa a corrente da opinião, quando se subleva contra uma cobardia e uma retalliação—e que quando se ergue uma voz energica a protestar pelo Direito, a consciencia toda do povo lhe responde.

Nunca artista algum em Portugal recebeu remuneração mais grandiosa, nem brinde mais significativo ao seu trabalho, do que aquelle que vós me concedestes! Por que elle não é um brinde offerecido por uma *coterie*, por uma commissão d'argentarios, ou por uma assembléa de notaveis:—é um brinde offerecido por quatorze homens, filhos do povo, que representam a alma do povo, quasi todos desconhecidos para mim, que espontaneamente se lembraram de se colligar no excesso do seu enthusiasmo, para com o producto das suas economias, não, tirando do seu superfluo, mas tirando d'um dia do seu trabalho, isto é do seu pão quotidiano, me offerecerem o brinde mais significativo que póde enternecer o coração d'um artista—porque vem do povo, e representa o seu coração, o seu trabalho, a sua sympathia e a sua adhesão!

Forte com o vosso apoio, senhores, a penna que me offerecestes

me lembrará que é para vos defender que a acceitei, e que é para com ella ferir os grandes combates da palavra escripta, que vós me brindastes com ella.

Acceito-a senhores, com este titulo, e a primeira palavra que ella escreveu já indelevelmente no meu coração, com a firmeza d'um diamante riscando um vidro, é:—*reconhecimento*.

Esse reconhecimento será perduravel. Subsistirá acima de todas as invectivas dos contrarios, de todas as vociferações dos biltres, de todas as objurgatorias dos malandrins, que o proprio brinde vosso me ensinará que devo castigar e immolar-vos.

Forte com o vosso apoio, e com a minha consciencia honesta, a penna que me offertastes me lembrará perpetuamente os interesses da vossa causa, que é a minha causa—a causa de todos os que trabalham.

Acceitae senhores os protestos da minha eterna gratidão e o coração reconhecido

do vosso mais dedicado correligionario e amigo

Gomes Leal.

A TRAIÇÃO

SENHOR

......se acaso um rude e energico plebeu
póde ser um juiz, e um rei tornar-se réu,
se acaso o assassinado á noute n'uma esquina
póde gritar—traição!—contra quem o assassina,
se acaso um rude velho excommungou Paris,
e Juvenal cuspiu na ruiva meretriz,
e a Historia toda escarra em Judas, o traidor,
eu serei o juiz— e vós o réu, Sonhor!

Sim mancharás na lama, ó rei, os teus brazões,
e terás por juiz a Plebe e os corações
dos guerreiros fieis, bruscos, e encanecidos,
que chorarão de raiva os louros prostituidos,
se derdes os pendões furados das metralhas
que já viram o fumo e os soes de cem batalhas,

a aura da Liberdade e o sopro das desgraças,
a voz das sedições das ruas e das praças,
se derdes os pendões, gloriosos tanta vez,
para os calcar os pés do marinheiro inglez!

Vender-nos-has, ó rei!—Mas ficarás um muro,
no qual escreverá o dedo do Futuro,
o dedo vingador, barbaro, antigo, austéro,
que marcou a Cain e ensanguentou a Nero,
que escreveu sobre a testa ao velho Tamerlão
esta legenda atroz—*assassino e ladrão*—
esse dedo cruel que põe a Alexandre VI
o distico feroz onde se lê *incesto*,
que marcou Carlos IX, o algoz dos huguenotes,
e que em ti marcará—*Judas Iscariotes.*

Ah! póde haver um rei tão picaro e pandilha
que venda o seu paiz, e Mãe que venda a filha!..
Podem acaso haver entes tão latrinarios
que atirem para as mãos de um ou de mais sicarios
uns seios virginaes e a honra d'um paiz!...
Ó pallida mulher, ó loura meretriz,
dize se acaso emfim no debochado leito,
onde vaes macular teu corpo alvo e perfeito,
pódes erguer as mãos, pódes orar ao ceu,
pela infame mulher, a Mãe que te vendeu?
Dize se a urna d'ouro e de crystal partida
atirada ao bordel, mulher prostituida,
póde ainda conter, em lagrimas regada,
a delicada flor, virginia, avelludada,

virginal como o amor n'um moço coração,
a flor que nos condoe, a santa flor perdão!

Eu por mim homem duro, eu não sei perdoar.
Se o ferro me ferir a ferro hei de matar.
Homens do nosso tempo, herdeiros d'uma herança
fatal, é nossa Deusa a furia da Vingança.
Temos o barbaro Odio, energico, cruel,
que ao mesmo tempo é doce, e ao mesmo tempo é fel;
odio eterno, feroz que mais e mais se atiça,
mas que é tambem Amor e que é tambem Justiça.
É o dio contra o injusto e a vasa do monturo.
É o odio contra a Mãe que á noute, pelo escuro,
vae a filha vender ao lupanar occulto.
É o odio a ti, mulher, que expões teu seio ao insulto
dos beijos d'aluguel, por uns vestidos mais.
É o odio contra o filho, é o odio contra os paes
dobrados, imbecis, cheios d'um mal secreto,
d'um vergonhoso mal que vae do avô ao neto,
que se vão alojar ambos no mesmo hotel,
e se encontram á noute, ao jogo e no bordel.
É o odio contra ti, infame libertino,
que apalpas entre as mãos um seio feminino,
e o atiras para o leito inda peior que a cova.
É o odio contra ti, fraca geração nova,
que amas sómente rir, não tens convicções,
nem idéal, nem fé, nem nervos, nem tendões,
não sabes venerar, não sabes ter respeito,
rugir, nem arrancar as lagrimas do peito,
nem rir como Voltaire, amar como Romeu,

soffrer como Jesus—nem odiar como eu!
É o odio emfim a vós, ó vendilhões estultos,
que vossa propria Mãe vendestes aos insultos
do vil marujo inglez, e lh'a arrojaes nos braços,
como uma meretriz ébria de mil abraços
que os seios sem pudor entrega á marinhagem.
E' o odio emfim a ti, ó rei, cuja coragem
sómente egualará talvez a cobardia,
commetendo a baixesa, a insania, a villania,
de arrojar á hyena, á ladra, a Jonh Bull,
nossos rudes irmãos da Africa do sul.
É o odio contra ti, ó regio salafrario!
que farás esse acto iniquio e extraordinario
porque ainda que ha muito existe a vil traição,
monarchas sem pudor e Mães sem coração,
parece sempre horrendo, extraordinario, e novo,
que a Mãe venda uma filha e o rei que venda um povo!

Talvez creias, ó rei, que a extranha apologia
que fiz do Odio accusa uma alma baixa e fria.
Talvez creias tambem que quem assim tem fel
não póde amar ninguem. Enganas-te!... O revel,
o homem que em seu peito altivo e rebellado
sentiu dentro de si odio intimo e sagrado,
o odio contra o Erro, a lama, a podrídão,
e arrancou de seu peito uns roncos de leão:
que no Ceu vendo um monstro, um déspota, um tyranno
com instinctos cervaes de velho quadrumano,
e em baixo cá na terra, em thronos assentados,
toda a horda dos reis sorrindo ensanguentados;

vendo reger na terra o Despotismo eterno,
todo de bronze o Ceu, todo de treva o Inferno,
em cima escuridão—em baixo infamia e noute—
não poude reprimir da cólera o açoute,
e arremessando ao azul o grito da sua ira
bradou:—Justiça Mãe! tu que não és mentira,
tu que tens sido sempre a virgem rude e forte,
meu unico luar, meu iman e meu norte,
meu idolo, meu mal, meu rude anjo custodio,
—depois de ti, ó Mãe! não ha senão o Odio.

Ora este odio tremendo, odio eterno, Senhor,
é filho da Justiça—e inda é maior que o Amor.
É este odio que faz que, cheios de utopias,
vamos sem tino errar nas virgens serranias,
atraz dos ideaes selvagens, desgrenhados,
e que como uns atheus ou como uns rebellados,
nos apontem as mãos ás timidas mulheres,
como uns homens crueis, ou como extranhos seres,
sem Amor, sem Mulher, sem Patria, sem Altar,
que vão de monte em monte, e vão de mar em mar.
Este odio virginal das consciencias brancas
é uma força, ó rei! Val mais que as alavancas,
e mais do que os canhões, não só dos teus vassallos,
mas de mil esquadrões de barbaros cavallos,
que o mundo possa pôr em pé de guerra um dia.
Val mais que a dynamite e mais que a artilheria,
ruindo as povoações das praças aterradas.
Val mais que todo o bronze e o aço das espadas,
mais do que os canhões Krup, feitos correctamente,

com sciencias, com arte, estudo, sabiamente,
balistica, e o demais que o homem desencante,
para matar em regra a Abel seu semelhante.
Esse Odio é todo um drama ou barbara epopeia.
Só o que muito ama é o que muito odeia!
Eu por mim nutro um odio indomito, selvagem,
que é como um diamante e o raio da coragem,
um odio colossal, demolidor, que arrasa
e de que heide fazer um quente ferro em brasa,
para marcar na testa a ti e a teus irmãos.
Quero fallar dos reis, fallo dos cortezãos.
Fallo da corja vil dos entes latrinarios,
que ladram contra a luz, marquezes e sicarios,
que são grandes do reino, aios, ou estribeiros,
dandys, altos barões, duques e alcoviteiros.
Fallo das cortezãas hieraticas e bellas,
que ullulam de luxuria assim como as cadellas;
não da plebe servil, mineira que trabalha,
pois que não és irmão, ó rei, d'esta canalha!

II

Oh mineiro! oh mineiro! ah, quando sob a terra,
desces, longe da luz, as espiraes da dôr,
e esquecendo as canções nataes da tua serra,
espancaste de ti as illusões do amor;
quando, tornado o peito um tumulo vasio,
desceste para sempre á tenebrosa mina,
onde não vem gemer a fresca voz do rio,
nem vulto de mulher branqueia na neblina;
quando fechaste a alma á ancia dos desejos,
como um faminto lobo uivando n'um pinhal,
ou como um cenobita esconde o rosto aos beijos
das lyricas visões pelo *sabbat* do Mal;
quando, nas solidões dos tropicos ardentes,
rojaste ao arido chão a fronte e os membros nus,

e lembrou-te a palmeira e o estrondo das torrentes,
e, ao fundo, o azul callado a herva, o mar, a luz;
quando no gelo emfim das solidões extranhas,
no deserto polar da escuridão do inferno,
para sempre fugiste aos cardos das montanhas,
á grande Natureza e ao grande amor eterno;
dize, sabias já, ó lugubre mineiro!
que o pallido metal que ias desenterrar,
vergado, seminu, talvez um anno inteiro,
gastam os reis sómente um dia n'um jantar?
Dize, sabias já que a Providencia avára
concede a um a luz, a outro a treva exangue,
a um a taça d'ouro, a outro a esponja amára,
e a noute arida e má em que se sua sangue?
Dize, sabias já que existem sobre o sólo
infames cortezãos, heroicos descontentes,
meretrizes ducaes a quem se inunda o collo
com Champagne, com Rhum, e vinhos eloquentes?
Dize, sabias já, na escuridão das minas,
agachado, aos clarões das lividas lanternas,
que existem cortezãos, duquezas assassinas
excedendo os ladrões e as femeas das tabernas?
Dize, se como o Fausto em sua escura cella,
viras o pranto, o Escarneo, e a loura meretriz,
sabias que se atira ouro pela janella,
e que, ó infamia! ha reis que vendem seu paiz?
Ó infamia! ó infamia! ó seculo maldito,
em que se vende tudo, a Mãe, a Patria, o Amor,
ó veneno subtil, sordido, e corruptor,
que Satanaz cuspiu no poço do Infinito!

Ó encanto infernal das vastas capitaes,
delicia dos ladrões, dos vicios, da ralé,
em que se afunda a alma, enxerga-se a galé,
e afia-se o sorriso, e afiam-se os punhaes!
Levantae para o ceu as vossas mãos honestas,
como um protesto heroico, energico, sublime,
Cavalleiros do Bem que vindes das florestas
da Idea e juraes guerra á Podridão e ao Crime!
Correi sobre este charco a toda a rédea solta,
vós justos campeões, puros como os arminhos,
e agitae pelo ar a espada da Revolta!
e afiae os punhaes nas pedras dos caminhos!

III

Soou a hora, ó rei. A aurora vem raiando.
Já se ouvem os clarins guerreiros d'esse bando
que rue o despotismo, esse colosso rhódio.
São da ralé tambem. Tambem seu nome é Odio.
Chegam para tomar-te, ó rei, tremendas contas
se arrojar's a mãe patria aos risos, ás affrontas,
á vaia e aos pontapés do ébrio marinheiro,
do marujo saxão, do John Bull caixeiro.

Mas que te importa a ti a Plebe, e a Sedição,
se acaso jantas bem, fazes a digestão,
os charutos são bons, é generoso o vinho?
Se vella no teu pulso o Magalhães Coutinho,

o ceu é bello e azul, e para o exilio é cedo?
Se tens de sabre em punho, o general Macedo,
e tens fofos divans onde usas digerir?
Se depois do café relês o Shakspeare,
(que um visionario, ó rei, os tragicos até,
é do *hig-life* e bom tom lêr depois do café);
Se tens salas da sésta, aureas salas chinezas,
boas pelles de tigre, hieraticas marquezas?
Se um busto de mulher, á branca lamparina,
debuxa no lençol a fórma esbelta e fina,
e com a trança loura aroma o travesseiro?
Se não tens confessor, carrasco, nem barbeiro,
e fazes o que apraz á tua phantasia?
Se não lês os jornaes, nem tens dyspepsia,
ninguem te arremessou bombas de dynamite,
o utero não te dóe e tens bom appetite,
o que te importa a ti que a Plebe vocifere,
ao vento da Revolta, e peça de comer,
que o velho Jehovah troveje lá em cima,
ou que a Plebe ameáce e ore Magalhães Lima?

Para bem do seu povo um rei, segundo o estylo,
deve dormir a sésta e bem fazer o chylo.
Que importa que um paiz falto de capitaes
empenhe as possessões todas coloniaes?
Que falta faz Ceylão, que perda é Bombaim?
Por isso não faltou canella nem marfim.
Não devem cousas taes causar sérios abalos.
O que importa é que um rei sustente bons cavallos,
que tenha boa adega e beba bom Madeira,

tenha cem alasões que excarvem na cocheira,
lacaios de libré, archeiros, batedores,
camaristas servis, tropas, embaixadores;
mas acima de tudo, o essencial, ordeiro,
não é um bom ministro—é um bom cosinheiro!

Depois de bem jantar, gordo rei folião,
entre uma aia gentil e o velho capellão,
tu preferes da aia a esbelta companhia.
Depois fumas um *breva* e lês uma elegia
á sombra d'uma acacia ou d'uma larangeira.
Correm nuvens no azul. Uma pluma ligeira
d'uma rolla caiu n'um lago crystalyno.
Tu suspiras então. Faz-te bem ao intestino
um vago de scismar e um pouco de lyrismo.
Mas tu não scismarás, oh! não, no fundo abysmo
da Miseria, esse plebeu espectro que ameaça;
na amarga convulsão que invade a nossa raça;
no ensanguentado x do problema social;
na fome em S. Miguel, na guerra do Transwall;
nos mineiros sem luz, que em sua solidão
para enganar a fome, engollem o carvão;
na Grecia que ergue as mãos para as nações ingratas;
na Irlanda sem pão que come só batatas,
e lança-se á paixão da rude *Liga Agraria*.
Não penses nunca emfim em cousa extraordinaria
Proudhon ou Jehovah, Jesus, ou em Satan.
Continua a viver, assim como o deus Pan,
sob o clemente azul, á sombra da folhagem.
Vae ouvir Borghi-Mamo, á noite, em carruagem,

E, se acaso por lei inflexivel, brutal,
a bancarota venha, ó rei de Portugal,
e ameacem teus bens um dia de ir a pique
—vende ao inglez Angola, ou vende Moçambique.

Eu sei que quem te adula e a regia mão te beija
te brada que o nosso odio hostil nasce da Inveja.
Bem sei que os cortezãos sordidos, latrinarios,
te gritam que os plebeus, entes atrabiliarios,
estes homens, como eu, de fel e descontentes
são monstros com mortaes venenos de serpentes
que pretendem ruir Familia, Throno e Altar.
Sei que te gritam mais que andamos a aguçar
nas pedras do caminho a revoltosa Espada;
que um pamphletario é uma bexiga inchada
de cólera, de fel, de inveja e dynamite,
que um dia explosirá assim que o fogo excite,
fazendo rebentar o mundo em estilhaços.

Mas eu juro-te a ti, e mais aos teus devassos:
que não ha odio heroico e santo em corações
como aquelle que lavra em mim ás corrupções
d'esta farça fatal da nossa velha edade;
que sinto a grande nausea e a barbara anciedade
de assistir ao final do drama monstruoso;
que não sou, como os teus, um lazarento goso,
que vá lamber teus pés, nem oscular teu manto;
que tenho visto a Plebe e tenho visto o pranto
do sangue que ella chora em bagas pelas ruas;
que vejo mães sem pão, magras creanças nuas,

tiritando ao relento, á noute pelo frio,
e homens sem leito e lar que vão deitar-se ao rio;
que vejo o mundo em lucta atroz e ensanguentada
sem ter fé no Direito alevantando a Espada;
abaterem-se os reis, levantarem-se os fracos;
o Czar todo em sangue, em meio dos cossacos:
as escravas nações no fogo que se atiça
aquecendo um punhal em nome da Justiça,
e levantando aos ceus as rebeladas mãos;
os homens de justiça, os peitos rectos, sãos,
rollando pela lama ás patas dos cavallos:
o mundo em convulsões e a Europa entre os abalos
d'uma guerra eminente, o mal extraordinario
da Fome contra o Luxo, o odio do proletario;
que vejo até ao cabo em sangue já as lanças;
a Justiça sem fé vender suas balanças;
— a suspeita reinar no panico geral,
cada vez mais feroz a guerra ao Capital;
que vejo o homem de bem, sem patria nem lareira,
morrer n'uma enxovia ou d'uma estrada á beira;
Blanqui, esse feroz e grande rebellado,
toda a vida a rugir, preso como um forçado;
Raspail que salvou do *cholera* Pariz
como uma besta féra em humidos covis,
velho, acabar doente o seu viver sombrio;
emfim que vendo, em cima, o ceu mudo e vasio,
a Virtude sem pão, a Côrte um atoleiro,
Jesus desfeito em pó, hirto no seu madeiro,
olhando sem cessar as chagas dos joelhos,
tristes os corações, todos os ideaes velhos,

e o despotismo em pé—sómente nutro esperança
em duas cousas só—no Odio e na Vingança.

Ah! nada existe mais sinistro que a traição.
Vêde Bazaine, o biltre, e o infame Napoleão,
errando pelo mundo ambos accorrentados
ao despreso geral, e ambos excommungados
do mundo, como atheus da excommunhão papal!

Subiam uma serra, iam descer um val,
quer fossé ao amanhecer, ou fosse no sol pôr,
se encontravam no atalho um rude lavrador
curvado sob a enxada ou vindo das ceáras,
nas linhas varonis d'essas trigueiras caras,
liam logo o despreso energico e infinito,
que não tem nem Cain nem Lucifer maldito.

É que existe uma cousa acima da grandeza
das tiaras papaes, do sceptro da Realeza,
das minas do Czar, e a excommunhão da Egreja
que faz temer o Justo e faz callar a Inveja.
E' um ente que arrosta os mais pesados fardos,
que traz em sangue os pés dos retorcidos cardos
dos montes glaciaes das solidões eternas;
que como os ermitões viveu já nas cavernas,
nos antros, nos covis, na escuridão das minas;
que tem visto as paixões e os blocos das ruinas,
as neves, os vulcões, os despotas, as féras;
que já viu desfillar toda a visão das Eras,
toda a fermentação irregular das Raças,

os crimes das nações, as sedições das praças;
mas sempre perseguida e sempre guerreando,
escrevendo um pamphleto, e um sabre manejando,
como Spartaco arranca os pulsos da cadeia,
severa, estende a face a quem a esbofeteia,
e um dia morre emfim, sem que ninguem a escude,
mas morre protestando—e chama-se a Virtude.

IV

Ó Judas! quando ao hebreu, ao agitador sagrado,
te assomaste e lhe déste o beijo da traição,
sabias que esse beijo ironico e enlutado
devia dar ao Christo o calix da Paixão?
Sabias que esse beijo eterno e monstruoso
pregava-o para sempre em cima d'um madeiro,
d'onde havia escorrer um sangue doloroso
que um dia alagaria o triste mundo inteiro?
Sabias que esse beijo era a união de sangue
que casaria a Sombra e a Perdição á Luz,
e havia de pregar junto com o Christo exangue
o mundo amargo e escravo em cima d'uma cruz?
Sabias que ias ser, com um terror profundo,
uma semente má d'uma arvore fatal.

que esse beijo seria a perdição do mundo,
e davas n'este seculo o osculo do Mal?
Não sabias talvez! Mas hoje, ó mundo, anceias
inda nas convulsões d'esse osculo feroz.
Um veneno infernal gira nas nossas veias!
—Crendo beijar Jesus, beijaste-nos a nós!

Ó traição! ó traição! Depois de tantos annos
que teu bafo manchou a terra meretriz,
ella não pode emfim dos Cezares tyrannos
totalmente apagar o osculo infeliz!
Ó rei, quando de noute, á luz suave e morna
da lampada nocturna e d'alva porcelana,
o amor sobre o teu leito os seus jasmins entorna,
junto ao regio perfil da branca italiana;
quando ao pé do seu corpo, em estos de paixão,
osculos d'essa fronte a pallida esculptura
não lhe receies vêr a modelada mão
crer apagar mortal virus de mordedura?
Não receias de vêr na filha do guerreiro
aventureiro e audaz como o Cid Hespanhol,
que em cem acções tingiu a espada no estrangeiro,
rugindo pela patria, ao italiano sol;
não lhe receias vêr no marmore da tez
um sorriso cruel que te clama—traidor!
que te entreabra o inferno e a livida hediondez
—e te mostre a aza negra em que voou o Amor?!

V

Mas que te importa, ó rei. N'um seculo venal
em que tudo se vende á infamia do metal,
esposa, patria, mãe, filhas e consciencia,
teu acto não é mais que um acto de prudencia.
Tu és um digno rei de indignos cortezãos.
Ha tal que venderia a mãe e seus irmãos
a hieratica esposa e as delicadas filhas
não como o antigo hebreu por pratos de lentilhas,
mas por algum *crachat* e illustre bagatella.
Ha tal que as venderia até pela baixella
do serviço real, como um que, sem abalo,
o seu reino cedeu em troca de um cavallo.
Ó Miseria és ascosa, e já encheste a taça!
Não é só na ralé, nas ruas da Desgraça

que vendes, ó Mulher tens seios sem pudor.
Marquezas d'alta estirpe ao ouro tentador
entregam sem vergonha os seios com brilhantes.
Condessinhas gentis escondem os amantes
emquanto o esposo bate, e outras mais corajosas
arrastando no sólo as caudas setinosas,
distinctas no bom tom e córtes dos vestidos,
namoram officiaes, aos olhoss do maridos.

A bella flôr da Carne, a flôr aventureira,
dança, emquanto a Virtude expira na trapeira.
Dos teus bailes reaes, n'esse grotesco entrudo,
passam de braço dado a Pustula e o Velludo.
Em quanto o Crime dança, o F'runculo namora.
A Republica agita as multidões cá fóra.
Martens Ferrão ensina ao seu real pupillo,
não, decerto, onde estão as origens do Nilo,
mas se o ouro faltar, essa sublime mola,
—a quem ha de vender Moçambique ou Angola.

Quem dá mais! Quem dá mais! é o grito de leilão;
«Vamos, mandem chamar já o tabellião
que as escripturas lavre, em clausulas idoneas,
em que vendamos tudo, e acabem-se as colonias!
Vendamos d'uma vez todas as possessões!»
É assim que clamaes ó lugubres ladrões,
ó lyrios das galés, sicarios, salteadores,
que deshonraes a Mãe d'esses navegadores
que foram descobrir isto que expões á venda!
Mas vós não trilhareis esta sinistra senda,

ou o Povo vos fará voar em estilhaços,
e eu heide de vos marcar, ó biltres, com os traços
indeleveis, crueis, rubros do ferro quente
que vos ha de morder assim como a serpente
da Biblia que queimou a Israel fugida.
Sentireis muito tempo a marca da ferida
que vos ha de rasgar o aço dos meus versos.
Farei d'elles a cruz, aonde vós perversos
longe do mundo, á parte, em serro solitario,
como esses dois ladrões da rocha do Calvario,
cravados ficareis ao rir da populaça,
até que em podridão a carne se desfaça,
com uma chaga só, de cheiro nauseabundo,
que obrigue a pôr a mão sobre o nariz ao mundo,
como se Deus mandasse uma infecção geral.
É que então morrereis no odio universal.
A morte já então não achará estorvos.
Sobre vós traçarão grandes circos os corvos,
e vossos membros nus, expostos aos desdens,
de pasto servirão dos lobos e dos cães.
Assim mergulhareis de noute pelo escuro
sinistramente vis—na Historia e no monturo.

VI

Ó Mãe Patria! Ó Mãe Patria! acaso é tão mesquinho
o homem, ou subiu tão alto nas espheras,
que despresa o paiz florido do seu ninho,
e o sólo virginal das suas primaveras?
Acaso elle pairou já tanto nos espaços,
e abraçou o ideal das vagas utopias,
que já despresa o chão dos seus primeiros passos,
onde ouviu o riacho e a voz das serranias?
Acaso elle voou n'um vôo tão ardente,
acima da miseria e das paixões da terra,
que não sente emoção, ao ouvir longiquamente,
as arias do paiz ou as canções da serra?
Ah! tanto se embrenhou na noute do desgosto
no ruido da orgia, ou nos confins da Idea,

que não sente saudade á hora do sol posto
da velha capital, ou da humilde aldêa?
Da Humanidade o amor tanto o abrazaria,
tanto votou sua alma a todo o mundo inteiro,
que pode ouvir, sem dôr, os gritos da agonia
da sua patria Mãe calcada do Estrangeiro?

Velho guerreiro! tu que cheio d'enthusiasmo,
desembainhaste a espada, á voz das sedições,
que não tens d'este tempo o funebre sarcasmo,
e te bateste ao sol, quaes livres corações;
tu que sentes gritar, heroica, na bainha,
a espada com que já talhaste mil mortalhas,
quando o canhão retrôa e a guerra se avisinha,
e a tens tingido em sangue, ao vento das batalhas;
e tu guerreiro moço, energico soldado,
que costumas rugir qual juvenil leão,
não deixes da Mãe Patria o seio ensanguentado
sob a planta brutal do marujo saxão!
Ó guerreiros noveis! se o sol do pensamento
e da gloria vos beija a fronte alvoroçada,
não deixeis que o saxão um unico momento
vos cuspa o seu desdem na virginal espada!
Não deixeis que a Mãe Patria ande prostituida
como n'uma viella a rouca meretriz.
Ha duas cousas sãs, sublimes, n'esta vida.
—Ah, uma é o nosso amor—outra o santo paiz!

VII

Pelo vento do Norte eterno que suspira
veem notas marciaes das cordas d'uma Lyra.
É d'um poeta extranho, energico, polaco,
que protestou vingança ao sabre do cossaco,
e prégou a revolta e o odio ao imperador.
Sósinho elle luctou, sombrio luctador,
pela escrava nação prostrada e supprimida,
que levantava as mãos á curva indefinida,
embalde supplicando a hora da Vingança.
Mas a Deusa cravou a ponta da sua lança
inerte sobre o chão ainda ensanguentado,
e ainda não tirou o seu olhar parado
dos crimes infernaes, dos grandes morticinios,
que as escravas nações, segundo vaticinios,
arrostarão assim como a feliz Judéa.

até que o vento sopre e o turbilhão da Idéa,
varra para o monturo as legiões dos reis.
É então que do ceu Vingança descereis
e hão de vos ver montar no funebre cavallo.
Então é que será o formidando abalo
e que as mãos erguerão os grandes innocentes.
É então que tu, rei e mais os teus parentes
fugidos, atravez das nossas maldições,
como o povo judeu das velhas tradições,
não achareis um deus, não achareis um lar.

Mas antes que a hora chegue eu quero protestar,
bem alto erguer a voz contra esta villania,
tradição de teus paes, da tua dynastia,
que tem cavado o abysmo em que o paiz se lança.
Casa d'exacração, ó casa de Bragança!

João IV, teu maior, chefe e rei da nação
era um duque imbecil, inhabil, um poltrão,
que andou sempre a esconder-se ás armas do hespanhol
deixando o povo só bater-se á luz do sol,
e que foi empurrado á lucta e a combater
pelo ardor d'um vassallo e a mão d'uma mulher!
Affonso VI, o filho excentrico e demente,
coxo, desfigurado, estupido e impotente
commandava motins, á noute nas viellas.
Andava ébrio a insultar burguezas e donzellas,
e após um vil processo impùdico e famoso,
como outro não se viu tão sujo e escandaloso,
morreu atraiçoado e preso pelo irmão.

Seu successor, o biltre, auctor d'esta traição,
depois de macular do seu irmão o leito,
de roubar-lhe a mulher e o throno sem respeito,
vendeu-nos á Inglaterra em um pacto infamante.
Succede-lhe João V, o lubrico tunante,
esse *bode real* d'egrejas e conventos,
que despende milhões em grossos monumentos
e é sultão d'um harem que tem mais de mil freiras.
José I vem, e ás côrtes extrangeiras,
dá o exemplo de um rei imbelle e sem vontade,
d'um espectro real, mumia de nullidade,
movido pela mão extraordinaria emfim
d'um ministro immortal que o faz seu manequim.
Depois ao throno sóbe uma mulher beata,
fanatisada, altiva, estreitamente ingrata,
que aniquila o ministro e o genio innovador,
e morre de demencia ás mãos do confessor,
com medo do Diabo e entre terror's sagrados.
João VI esse poltrão que foge ante os soldados
da França, e que deserta a patria na invasão.
succede a esta demente, e é rei por irrisão.
Desmantelada a patria aos pés do forasteiro,
o real salafrario e imperial sendeiro,
finalmente conclue, por laxidão senil,
em deixar subtrair o sceptro do Brazil.
Pedro emfim, teu avô, apoz o desengano
do Brazil que o enxotou como um banal tyranno,
despe a espada, e acolhido ao manto liberal
trava aos olhos da Europa, a guerra fraternal.
É que havia manchado o throno bragantino

D. Miguel, o teu tio, o estupido assassino,
que contra si ergueu santas espadas nuas,
que arvorou o terror e as forcas pelas ruas,
e atulhou as galés e os carceres tambem.
Sobe os degraus do throno, em sangue, tua Mãe,
e n'este esterquilinio, este montão de lama,
arma a guerra civil, e os estrangeiros chama,
que voltam os canhões e os sabres contra nós!

São estes os teus paes. São estes teus avós!
Agora tu tambem trilha esta mesma senda.
Manda-nos retalhar, mandanos pôr á venda,
acutillar, prender, por teus pretorianos.
Faze-te um rei fatal, ordena a esses tyrannos
que se estribem no throno e entre as espadas nuas.
Manda-me fusilar a Plebe n'essas ruas,
e em cima saquear-lhe as magras algibeiras.
Convoca em teu auxilio esquadras estrangeiras,
Bebe Porto, Xerez por causa das insomnias.
Vende a India, Macau, Moçambique, as colonias.
Faze prender a Historia e perseguir a Imprensa.
Que ninguem erga a voz na rua sem licença.
Pede auxilio aos quarteis, faze-te um sultão vivo.
Ordena ao teu carrasco, o braço executivo,
que seja mais cruel, que seja mais feroz.
Faze-te igual tambem aos teus grandes avós.
Ensaia-te a rugir assim como os leões.
Faze *Te Deum* a Deus, senhor dos batalhões.
Pede ao Espirito Santo, a pomba, que te incube.
Encarcera a Justiça e mette-a no Aljube.

Quanto a mim, o auctor de carta tão comprida
manda-me degredado, ó rei, por toda a vida.
Na tua mão real contens amplos poderes.
Tens o exercito, a Lei, aquillo que quizeres,
a Grandeza, o governo, a armada, o parlamento,
o *hig-life*, a marinha, a Egreja, o sentimento,
toda a lista geral de bispos e de reis,
a Biblia, as tradições, politica, os quarteis,
e o general Macedo, o teu anjo custodio!

Eu só tenho uma penna e a força do meu Odio.

FIM